

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

ANA CLARA DE OLIVEIRA PEIXOTO

**NOÇÕES E PRÁTICAS CULTURAIS NAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DE
INTERNAÇÃO:**

O Emancipa no DEGASE - Ilha RJ

NITERÓI

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ANA CLARA DE OLIVEIRA PEIXOTO

**NOÇÕES E PRÁTICAS CULTURAIS NAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DE
INTERNAÇÃO:**

O Emancipa no DEGASE - Ilha

Monografia de conclusão de curso apresentada
a Universidade Federal Fluminense, como requisito
parcial para a obtenção. do título de bacharel em
Produção Cultural.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marina Bay Frydberg

NITERÓI

2020

ANA CLARA DE OLIVEIRA PEIXOTO

**NOÇÕES E PRÁTICAS CULTURAIS NAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DE
INTERNAÇÃO:**

O Emancipa no DEGASE - Ilha

Monografia de conclusão de curso apresentada
a Universidade Federal Fluminense, como requisito
parcial para a obtenção. do título de bacharel em
Produção Cultural.

BANCA EXAMINADORA

(Orientadora) Prof^a. Dra. Marina Bay Frydberg – UFF

Prof^a. Dra. Ohana Boy Oliveira – UFF

Mestre Alex Kossak – UFRRJ

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a todos os movimentos sociais, coletivos e grupos que, de alguma forma, tentam visibilizar os sujeitos invisíveis da nossa sociedade, colaborando para que esses corpos sejam protagonistas de suas narrativas.

*Não é sobre não cansar nunca.
Não é pelo individual,
é um trabalho coletivo e de impacto.
É sobre se confrontar com realidades esquecidas
e tentar transformar.
É sobre resistir!
De tal forma que a cada dia essa resistência,
se transforme em re(existência)
Fincar raízes e regá-las.
É ser “bom semeador”... Que enfrenta as
adversidades,
e quando tudo parece perdido,
vê brotar a mais linda flor.
A flor mais rara de todas, porque além de bela
ela é forte,
e essa força é potência sem fim.*

(Ana Clara Peixoto)

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Universidade Federal Fluminense, universidade que assim como outras, mesmo com os diversos projetos de desmonte, se mantém de pé e proporcionam uma educação pública de qualidade. A universidade não se constrói sozinha, então agradeço a todos os professores e funcionários da UFF, em especial aos terceirizados. Mesmo constantemente atravessando a precarização dos seus trabalhos, sempre se fizeram presente durante minha graduação.

Agradeço à minha orientadora, Marina. Para mim foi fundamental atravessar esse processo junto com uma mulher admirável de tantas formas diferentes. Quando pensei em chamá-la para minha orientação, uma veterana disse o quanto Marina tem esse poder de tranquilizar em meio ao caos e ela não mentiu. Sou grata por todos os áudios me tranquilizando e incentivando, pelas correções minuciosas e dedicadas. Também sou grata a Inês por sempre me fazer rir aparecendo nas reuniões de orientação e nos áudios do whatsapp. “Marinês” é tudo de bom.

Aos professores que me deram uma educação libertadora. Escola Municipal José de Mello, Colégio Estadual Coronel Berthier e Colégio Estadual Erich Walter Heine.

Gratidão ao Emancipa no Degase. Em especial agradeço a Cris, Juliano e Thalita pela disponibilidade em me ajudar a construir essa monografia e a minha dupla, Cíntia, por toda troca, observações e nervosismos antes de cada aula. Ao grupo teatral Kriadaki e ao Perceber Sem Ver (PSV). A participação nesses lugares fez com que eu reafirma-se nas minhas convicções a responsabilidade social que temos e como é fundamental que a gente faça com que todos os espaços sejam acessíveis e democráticos para todas as pessoas.

Agradeço as experiências que tive nos lugares que estagiei pois agregaram muito aprendizado na minha vida profissional e pessoal. Na ANCINE (Agência nacional do cinema), deixo meu obrigada a Helena por toda troca e parceria. No CCBB (Centro Cultural do Banco do Brasil) sou extremamente grata a muita gente, principalmente as mulheres. Em especial a Cynthia, pelos desabafos e discussões políticas que me incentivaram nessa escrita.

Devo muito às minhas origens, ao fato de eu ser moradora de Santa Cruz, bairro esquecido como muitos na zona oeste, e isso ter sido um dos meus primeiros incômodos dentro da academia. Tenho orgulho do lugar que vim, principalmente da minha família. Amauri, meu pai, sou grata por tudo que já atravessou para dar uma vida melhor para mim e

meus irmãos. Dalva, minha mãe, que é incrível em tudo que se propõe a ser. A ti devo tudo que me transformo. Bia, minha irmã e minha primeira referência de mulher na academia, orgulho de você. Thiago, meu irmão. Mesmo não estando fisicamente comigo, você se faz presente todos os dias da minha vida, sei que estaria orgulhoso de mim.

A todas as mulheres incríveis que eu fiz amizade e tenho profundo amor e admiração. Sem o apoio de vocês eu não estaria aqui. Em especial as meninas maravilhosas que conheci na casa amarela, que estiveram comigo nesse período mais até do que minha família, rindo, chorando, treinando apresentações, brincando de mímica, ajudando nos trabalhos. Maria de Fátima, amiga e conterrânea que contribuiu muito na minha formação acadêmica e de vida e a minha conselheira/eterna hermana de quarto, Ingrid.

Falando em amizade, não poderia deixar de agradecer a Matheus de Lucas, meu companheiro de vida e a Eulina, minha irmã do coração, pelas transcrições infinitas e debates sobre meu tema. Vocês me fortalecem. Ao Igor por todas as conversas sobre mestrado, editais e TCC (vamos chegar lá) e a Fabiani Coswosck, minha mentora de assuntos acadêmicos que me inspirou na escolha dessa jornada.

Na nação Tupi é chamado Guaraci. No Hinduísmo pode ser Brahmã, Krishna... É Alá para o Islamismo mas para as religiões judaico-cristãs é Jeová Shalom, Jeová Rafá, Deus. Para as religiões de matrizes africanas são Orixás, seres de luz. Já houve quem me dissesse que eram minhas ancestrais apontando a direção. Pode ser uma ou várias forças da natureza ou um espírito que nasce no interior. Na fé politeísta é muito mais que uma divindade, são várias. Nessa caminhada, ainda estou tentando entender como nomear, mas tenho certeza que na minha vida nunca andei sozinha e estou muito bem acompanhada. A Ti, que é meu grande mistério, agradeço acima de tudo, mesmo que eu ainda não saiba nomear, tenho fé.

RESUMO

O presente trabalho monográfico propõe discutir as noções e práticas culturais em ambientes de medidas socioeducativas em internação (MSI) e como se dão esses encontros. O objeto desse projeto é entender quais são as noções e vivências socioculturais dos educadores do Emancipa dentro do DEGASE da Ilha do Governador -RJ e quais possíveis tensionamentos poderão surgir a partir do encontro desses educadores com os adolescentes privados de liberdade. Mediante a análises de relatórios sobre o DEGASE e sobre algumas leis, em especial o Estatuto da criança e do adolescente (ECA), essa monografia pretende compreender o perfil e a realidade que esses adolescentes vivenciam, comparando simultaneamente com a realidade dos educadores, através de formulários com a equipe e entrevistas com membros da coordenação do movimento. Parte desta monografia terá fragmentos de memórias de encontros com os adolescentes dentro de sala de aula.

Palavras - chave: Cultura; DEGASE; ECA; Emancipa; Medidas socioeducativas

ABSTRACT

This monographic work proposes to discuss the notions and cultural practices in environments of socio-educational measures in internment (SMI) and how these tensioning take place. The aim of this project is to understand the notions and socio-cultural experiences of Emancipa's educators within the DEGASE of the Ilha do Governador - Rio de Janeiro and what possible tensions may arise from the meeting of these educators with adolescents deprived of their liberty. Through analysis of reports on DEGASE and laws, especially the Child and Adolescent Statute (ECA), we will try to understand the profile and reality that these adolescents experience while comparing with the reality of the educators, through forms with the team and interviews with the coordination of the movement. Part of this monograph will have fragments of memories of meetings with the adolescents inside the classroom.

Keywords: Culture; DEGASE; ECA; Emancipa; Educational measures

SUMÁRIO

INTERLOCUÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO E A EDUCAÇÃO.....	09
--	-----------

CAPÍTULO 1: ENTENDENDO DO QUE SE TRATA

1.1- A Rede Emancipa e a educação popular.....	12
1.2- O DEGASE e a Socioeducação.....	15
1.3- O que é o Emancipa no DEGASE?.....	20
A primeira vez a gente não esquece.....	25

CAPÍTULO 2: NOÇÕES E PRÁTICAS CULTURAIS

Como você se identifica?.....	28
2.1- Tensionamentos socioculturais no DEGASE.....	30
2.2- Quem são os adolescentes que estão no DEGASE?.....	34
2.3- Quem são os educadores do Emancipa no DEGASE?.....	39

CAPÍTULO 3: ENTRE O IDEAL E O REAL

3.1 - Entre o ideal e o real.....	54
3.2 - Entrevista com a coordenação e reflexão dos educadores.....	54
3.3 - DEGASE em tempo de coronavírus.....	64
A lista de nomes.....	68

PARA REFLETIR...E AGIR!.....	71
-------------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75
--	-----------

INTRODUÇÃO

INTERLOCUÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO E A EDUCAÇÃO

O texto monográfico a seguir possui uma escrita pessoal e impessoal. Presente estão duas Anas. A Ana que está se formando no curso de Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense e a Ana que, em abril de 2019, se tornou educadora do Emancipa no DEGASE. Em alguns momentos do texto, além da discussão teórica que será apresentada, também constarão as vivências que tive dentro de sala de aula com os adolescentes nesse pouco mais de um ano.

Construo cada palavra desse texto com a honestidade que uma pesquisadora deve ter ao tratar de um assunto, e, com a responsabilidade de uma militante que entende que todo movimento social será repleto de percalços, mas em tempos sombrios, como o que vivemos, onde o Estado não provê direitos básicos, é importante analisar esses grupos com a lente do afeto. Não é “passar pano”, mas caminhando sempre com o pensamento de que todo ser humano está em constante aprendizado, mudança e desconstrução. Como disse Paulo Freire (2002, p. 155) “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”

Quando entrei na UFF, no segundo semestre de 2016, ainda não sabia o que esperar do curso de Produção Cultural mas ao decorrer da minha graduação percebi como Procult - para os íntimos - dialoga com assuntos relevantes do cotidiano. Entretanto, nesses quatro anos, notei a necessidade da Produção Cultural se envolver mais intimamente em temas que afligem alguns grupos presentes na nossa sociedade. Disciplinas que dialogassem mais profundamente com a questão racial e social na formação brasileira. Como pensadores da cultura, sempre considereei que deveríamos discutir vorazmente temas como acessibilidade cultural. Quando digo acessibilidade não me refiro apenas às pessoas com deficiência, mas também pensar na questão das pessoas que estão em situação de vulnerabilidade econômica, pessoas em situação de rua e indivíduos privados de liberdade. No decorrer da minha trajetória *procultiana* sabia que quando o momento da monografia chegasse, iria abordar questões mais tangíveis a minha vivência e na minha crença de que a Produção Cultural é um campo do pensamento que necessita de constante expansão.

O tema da socioeducação chegou até a mim em um Seminário sobre a privação de liberdade realizado pelo instituto de Letras da UFF. Conheci uma menina que fazia parte do

Emancipa no DEGASE e ela me explicou rapidamente como funcionava o movimento. Depois de um tempo participei da capacitação - falarei mais para frente em relação a isso - e comecei a dar aulas dentro do DEGASE. Ao decorrer das experiências em sala percebi como aqueles adolescentes tinham noções e práticas culturais latentes. Paralelo a isso, nas reuniões de equipe do Emancipa no DEGASE notava como o grupo era heterogêneo e, da mesma forma que os meninos e meninas que estavam privados de liberdade, os educadores também tinham noções e práticas culturais diversas e distintas. A partir daí pensei em entender como se dão essas noções e práticas culturais e compreender o choque cultural que pode haver entre esses dois grandes grupos de pessoas com recortes que por muito tempo entendi como distintos.

A intenção inicial desta pesquisa era a de realizar roda de conversas sobre o tema com os educadores, para entender outros pontos de vistas, outras vivências e realidades. Criar um plano de aula relacionado a cultura e trabalhar ele com os adolescentes, falar com todos os componentes da coordenação do movimento para melhor compreensão. A princípio, a proposta era ter muito mais contato com esses grupos, mas por conta do coronavírus, o plano sofreu alterações e o tempo de escrita foi reduzido por causa do período especial que a UFF ofereceu para os concluintes. Dessa forma, para compreender o movimento mais a fundo, além dos acúmulos em sala de aula e diários de campo, realizei entrevistas com algumas pessoas da coordenação do Emancipa no DEGASE. As entrevistas ocorreram via Skype¹ e tinham o objetivo de entender vivências particulares, construção do movimento e posicionamento dos educadores enquanto coordenadores. Em relação a equipe, foi criado um questionário com os educadores através do Google forms². Além de tentar compreender algumas individualidades de cada um, o formulário buscou compreender as noções e práticas culturais desses indivíduos. Como veremos no capítulo dois, no questionário foram adotadas frases, ditas por pessoas conhecidas, que tratam cultura a partir de diferentes enfoques, com abordagens distintas para o conceito. Mediante a isso com ajuda de formulário e entrevistas, experiência em sala, tempo dentro do movimento, análise de relatórios sobre o DEGASE e perfil dos adolescentes, com o auxílio de teóricos, escrevo este relato.

O capítulo a seguir tem o intuito de contextualizar quais são os indivíduos que serão investigados nessa pesquisa. Explicará o que é o DEGASE, a Rede Emancipa e questões que estarão relacionadas ao cenário da socioeducação, como o ECA e ao sistema de ensino dentro

¹ Software que permite comunicação pela Internet através de conexões de voz e vídeo.

² Aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google

do Departamento. No segundo capítulo desta monografia veremos uma análise de relatórios sobre o perfil dos adolescentes em internação e a abordagem de um questionário sociocultural feito com os educadores do Emancipa no DEGASE para entender as noções e práticas culturais dos mesmos e os conflitos que poderão surgir a partir disso. No último capítulo será abordado como estão esses adolescentes em tempos de coronavírus, entrevistas com os coordenadores e trechos de uma aula da Rede Emancipa que Rafael Almeida, que passou por dentro do sistema socioeducativo, participou como palestrante.

CAPÍTULO 1

ENTENDENDO DO QUE SE TRATA

1.1- A Rede Emancipa e a educação popular

A Rede Emancipa teve seu início no ano de 2007 em um curso da Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Em entrevista com Juliano Niklevicz Teixeira (2020), coordenador do Emancipa no Rio de Janeiro, ele afirmou que o curso da Poli era ofertado de forma gratuita para alunos que iriam realizar os exames mas não possuíam condições financeiras para pagar um pré-vestibular. Após um tempo houve uma divisão de ideias, uma espécie de “racha”, como ele chamou, entre os professores e equipe do curso. Alguns entendiam que havia necessidade de se cobrar uma taxa e outros acreditavam que o curso deveria continuar sendo gratuito. A partir desse momento, da união desses professores que defendiam o ensino gratuito, surgiu a Rede Emancipa.

A palavra emancipar é sinônimo de libertar, desobrigar, livrar. E não é por acaso que a rede se intitula assim. Atualmente, além de funcionar como um pré-vestibular social que, segundo o site oficial da rede, atende a dezenove cidades de sete estados, em todas as cinco regiões do país, a rede conta com 32 cursinhos, cerca de 5000 estudantes ao longo do ano e mais de 600 professores. Segundo Juliano Teixeira (2020) a Rede acredita e defende a educação popular e os métodos de Paulo Freire. O Emancipa trabalha com uma pauta extremamente política e ratifica que a real emancipação não se dá apenas com a entrada dos seus alunos nas universidades, mas acontece de fato quando esses jovens se entendem como protagonistas de suas histórias, compreendendo que tornar-se livre é também tornar-se um ser político que defende um modelo de sociedade mais igualitária e combatendo as diversas opressões que estão impregnadas e estruturadas no país.

Freire é um dos símbolos principais da Rede Emancipa pois foi um dos maiores disseminadores da prática de educação popular no país. Richard Shaul (2001), teólogo presbiteriano que se baseava nas obras do autor afirmou que

Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a “prática da liberdade”, o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo. (Do prólogo de Shaul à edição americana de A pedagogia do oprimido, de Paulo Freire)

Essa falta da neutralidade na educação é um dos pilares que norteia a rede. Em uma das suas obras mais antigas chamada “Como trabalhar com o povo” Paulo Freire escreveu, grande parte a próprio punho, alguns ensinamentos sobre educação. Ranulfo Peloso, a partir desse escrito, organizou um documento como uma espécie de mandamentos intitulado “Princípios do trabalho popular” e esse texto é repassado dentro da rede na capacitação de novos educadores. O trabalho dentro do Emancipa é totalmente voluntário mas os educadores participam de uma capacitação para entenderem o que é a proposta do movimento. Juliano (2020) mencionou sobre como esses preceitos de Paulo Freire adaptados por Ranulfo se alinham as ideias defendidas pelo movimento.

O primeiro dos “mandamentos” Freirianos adaptados por Peloso é “Ninguém está só no Mundo” que diz respeito ao educador entender que o outro precisa ser respeitado e que ninguém detém a verdade absoluta. “Saber ouvir”, de verdade, não apenas para mostrar que está ouvindo, mas realmente escutar o outro com atenção e reconhecimento. “Desmontar a visão mágica” trata de fazer com que o militante entenda que as coisas não acontecem como num passe de mágica. O movimento social se constrói para promover a mudança, mas isso não significa necessariamente que o educador verá essa transformação na frente dos seus olhos, de maneira repentina. Não é uma tarefa fácil e é preciso ter uma visão realista das coisas. “Partir do nível da massa” um dos pontos que Paulo Freire mais desenvolveu em sua biografia, como em “Educação como prática a liberdade”, Freire (1967) continua mostrando que é importante trazer a vivência do indivíduo para que ele possa aprender. Não é eficaz chegar com um discurso político rebuscado para pessoas que não tem acesso a uma educação de qualidade. Por mais que vivam as situações de desigualdade em sua linha de frente, elas podem não entender a construção da ideia, então é fundamental partir da vivência delas, entendendo quais são as reivindicações da massa. “Ninguém sabe de tudo, ninguém ignora tudo” não existe indivíduo que detenha todo o conhecimento e nem aquela pessoa que não sabe absolutamente nada. “Nem elitismo e nem basismo” que fala sobre a importância de entender que o conhecimento teórico aprendido na academia não é tudo, mas o fato de questionar esse conhecimento não torna irrefutável tudo o que a massa fala. É importante que a massa entenda o que é necessário ser combatido e isso se dá através do debate. O sétimo é “Assumir a ingenuidade do educando” basicamente é entender que nenhuma pergunta é estúpida. Por vezes dentro dos espaços de debate as pessoas se sentem silenciadas a opinar ou

perguntar por considerarem que a pergunta é “burra”. A reafirmação de pensamentos como esse é um desserviço para qualquer campo do saber e é fundamental que o educador tenha humildade e entenda a importância de construir um ambiente de aprendizado com o educando. “Educação como ato político” como explicado anteriormente, a Rede Emancipa não acredita em uma educação baseada na neutralidade. A educação libertadora deve ser totalmente política, diferente da educação bancária que é aquela educação que se resume a um aprendizado onde o aluno é receptáculo do professor e somente ele é responsável por gerar conhecimento. “A marca do autoritarismo” o educador precisa se desconstruir dos resquícios da arrogância que ele possui. Nesse tópico Ranulfo abre a discussão voltando-se à esquerda para que haja mais autocrítica em relação a esse tema. O décimo, “Reaprender de novo”, fala sobre se despir de todo conhecimento que o militante acredita ter e se vestir das experiências que obtém com o grupo. O último ensinamento é “Pacientemente impaciente” trata da importância de entender que deve haver um equilíbrio entre a paciência e a impaciência, em querer que as mudanças aconteçam. É preciso ser impaciente no sentido de querer alcançar a transformação, mas paciente entendendo que essas evoluções não acontecem de um dia para a noite. Entender essas onze “normas” é necessário para compreender no que as práticas de toda a Rede Emancipa - incluindo o Emancipa no DEGASE - estará pautada.

Um ponto que é interessante salientar para encerrar esse tópico em relação à Rede Emancipa é que mesmo sendo um curso totalmente político ela se afirma apartidária. Muitas pessoas pensam que o Emancipa faz parte do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) e essa é uma questão que traz alguns tensionamentos dentro da rede, principalmente por parte dos educadores recém-chegados. Em entrevista que realizei no dia 26 de junho de 2020 com Juliano Niklevicz Teixeira, coordenador da Rede Emancipa no RJ e coordenador do Emancipa no DEGASE, questionei sobre a proximidade da rede com o partido político com exatamente essas palavras “Você falou sobre o PSOL e o Emancipa e uma das coisas que desde quando eu entrei é muito falada é essa relação próxima (...) Como você explica essa relação de proximidade? ela é existente?” e em resposta o coordenador da rede disse que

Então essas pessoas que fundaram o Emancipa lá em 2007, elas também estavam organizadas e algumas delas estavam organizadas em outros lugares. Tinha um pessoal num grupo pedindo por moradia, tinha um pessoal de luta urbana/transporte público e algumas dessas pessoas não eram do PSOL. O PSOL tinha surgido recentemente, acho que em 2004 e algumas pessoas eram do PSOL e essa relação de parceria, essa relação de proximidade, sempre existiu, mas logo no começo essas pessoas que fizeram o Emancipa surgir sabiam que era necessário separar as coisas e que as coisas fossem autônomas e essa clareza surgiu a partir de

erros. Às vezes a galera que era do PSOL chamava o pessoal do cursinho para participar de uma atividade que era do partido e de repente eles começaram a pensar “isso está errado a gente vai perder essas pessoas, na verdade, movimento é movimento e partido é partido” então isso veio a partir de erros. As pessoas não sabem fazer tudo e elas aprendem fazendo. Hoje já tem bem definido isso: como são as coisa e inclusive, o Emancipa, é composto majoritariamente por pessoas que não são do partido, ainda que na sua coordenação, nas estaduais e nas federais, acredito que a maioria seja ligado ao partido (...), um militante socialista e um militante de esquerda que encontra no movimento popular um lugar de atuação para fazer aquilo que às vezes não encontra no próprio partido para fazer. Por outro lado tem os professores, voluntários e estudantes que chegam no movimento popular na tentativa de aplicar aquilo que eles aprendem na universidade e aí se deparam com um movimento que também é político e com um braço partidário. (TEIXEIRA, 2020)

Assim como a cultura é um ambiente de disputa, o campo político também será. Adiante no texto a questão da aproximação do movimento social com o partido retornará e será possível observar a visão que outros membros do Emancipa no DEGASE tem em relação a essa espécie de vínculo.

1.2- O DEGASE e a Socioeducação

O Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), segundo consta no site oficial, é o

Órgão vinculado à Secretaria de Estado de Educação, que tem a responsabilidade de promover socioeducação no Estado do Rio de Janeiro, favorecendo a formação de pessoas autônomas, cidadãos solidários e profissionais competentes, possibilitando a construção de projetos de vida e a convivência familiar e comunitária. (Site oficial do DEGASE, 2020)

O Rio de Janeiro é o único Estado que tem o departamento responsável pelas medidas socioeducativas ligado a Secretaria de Educação, nos demais Estados o tema da socioeducação faz parte da Secretaria de Segurança Pública. Atualmente o diretor do DEGASE é o Major da polícia militar, Márcio de Almeida Rocha. O Major faz parte da corporação desde 2003 e possui, segundo consta no site oficial do DEGASE (2020), bacharel em Segurança pública pela Academia da Polícia Militar Dom João VI e em Direito pela Universidade Veiga de Almeida. Segundo consta no site oficial, atualmente o DEGASE conta com nove unidades de internação/internação provisória no Rio de Janeiro. Mais precisamente, iremos aprofundar essa pesquisa ao DEGASE localizado na Ilha do Governador. Nesta localidade se encontram três unidades que farão parte dessa pesquisa, são elas: Centro de Socioeducação Professor Antonio Carlos Gomes da Costa (PACGC) unidade feminina de

internação, Escola João Luiz Alves (EJLA) e Centro de Socioeducação Dom Bosco, ambas unidades masculinas de internação. O recorte foi feito em cima dessas unidades porque atualmente são elas que recebem as aulas do Emancipa. Além disso, foi com os adolescentes dessas três unidades que tive contato.

Em relação ao contato com a família, os internos recebem visitas dos seus familiares em dias e horários específicos, sempre com confirmação prévia através do telefone. No momento, por conta da pandemia do novo coronavírus as visitas as unidades estão suspensas. Abordarei em relação a situação do DEGASE e dos adolescentes frente à pandemia no capítulo três desta pesquisa. A respeito da infraestrutura, o DEGASE - Ilha possui, conforme é estipulado por lei, uma escola regular para que os adolescentes e jovens internos não parem de estudar. No ano de 2019 foi inaugurada uma biblioteca para que os meninos e meninas pudessem ter acesso a leitura com a supervisão de funcionários. Em suas dependências o departamento também conta com uma piscina semiolímpica para que sejam realizadas atividades esportivas e de lazer propostas pela Coordenação de educação, cultura, esporte e lazer (CECEL). No capítulo seguinte será possível observar, através de dados de relatórios oficiais, que muitos desses adolescentes já haviam evadido da escola e que há um abismo entre a teoria e a prática. Nessa primeira parte está sendo realizada apenas uma descrição do que consta nos sites oficiais do órgão.

Em um outro site oficial do DEGASE, intitulado “Novo DEGASE” fala sobre a Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire (EGSE). Uma iniciativa que surgiu em 2001 para a capacitação dos profissionais internos que querem aprender mais sobre a socioeducação. No decorrer dos anos a escola se expandiu e realizou propostas de capacitação para outros profissionais da área que queiram se especializar mais em relação ao assunto e que desejem promover pesquisas científicas. O DEGASE também conta com uma proposta que é conhecida como “Conect” onde empresas parceiras do governo promovem programas como o “jovem aprendiz” e cursos de capacitação de pizzaiolo, cabeleireiro entre outros. Movimentos sociais como o Trançando afetos, Escrevivendo a liberdade e o Emancipa fazem parte com a proposta de promoverem ações para os adolescentes internos terem mais atividades durante a semana. Entretanto, nenhum desses projetos abarca todos os adolescentes, pelo contrário, os jovens contemplados por essas ações são minoria dentro do DEGASE - Ilha. Além disso, nenhuma das atividades, nem do “Conect” e nem da escola regular, acontecem nos

alojamentos. A maioria das atividades é realizada fora das unidades, geralmente no “Campus da CECEL”, como o local é conhecido. Na CECEL existem algumas salas e é onde a biblioteca está localizada. Os adolescentes são levados até essas atividades em uma viatura ou andando, sempre acompanhados dos agentes. No caso da EJLA, que é conhecida como “mansão” por conta da construção antiga e no alto, os adolescentes são levados andando até a CECEL porque fica próximo. Sempre seguindo o protocolo, enfileirados e com as mãos para trás.

Ainda, conforme consta no site, a missão do Departamento Geral de Ações Socioeducativas é “Promover socioeducação no Estado do Rio de Janeiro, favorecendo a formação de pessoas autônomas, cidadãos solidários e profissionais competentes, possibilitando a construção de projetos de vida e a convivência familiar e comunitária.” Como visão o DEGASE diz que é uma instituição “integrante do Sistema de Garantia de Direitos reconhecida nacionalmente como órgão de excelência (...)”, e que luta “em prol de uma sociedade livre, justa e solidária.” Em relação ao surgimento do Departamento consta que ele foi criado pelo Decreto nº 18.493, de 26/01/93, sendo um órgão do Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro, indicado pelo ECA que é o Estatuto da Criança e do Adolescente, aplicadas pelo Poder Judiciário aos jovens em conflito com a lei.

Com o objetivo de atender aos preceitos constitucionais e de conformidade com o que passou a chamar-se Sistema Socioeducativo, ocorrido na vigência da Constituição da República de 1988, houve a descentralização político-administrativa. A criação do Novo Degase ocorreu a partir da interlocução do Governo Estadual com o Centro Brasileiro para Infância e Adolescência - CBIA, (órgão do Governo Federal no período de 1991 a 1994) em consonância com as diretrizes político-governamentais de promoção, defesa e garantia de direitos de proteção legal. (Site oficial do DEGASE, 2020)

O Estatuto da Criança e do Adolescente é a Lei 8.069. A lei foi instaurada em 13 de julho de 1990 e uma de suas propostas é a de nortear como se darão as medidas para adolescentes e crianças que se encontram em conflito com a legislação. Conforme previsto na legislação brasileira, de acordo com o artigo 2º do ECA, adolescentes são os sujeitos com idades entre 12 e 18 anos incompletos. Já de acordo com o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013), são considerados jovens os indivíduos entre 15 e 29 anos. O ECA apresentou grandes avanços em relação às normas vigentes da época em que foi implementado. Antes da Lei 8.069, a norma que regia a questão dos menores de idade eram as do Código de menores de 12 de outubro de 1927, assinado pelo presidente Washington Luiz. A criança ou

adolescente que cometesse algum crime antes do Código de menores, responderia perante a lei da mesma forma que um adulto. O Código de menores associava a pobreza a delinquência e determinava alguns termos para definir o que é uma criança digna de direitos. O Estatuto da Criança e do Adolescente diz que todas as crianças são detentoras de direitos, independente das demarcações sociais. Além disso, o ECA passou por fortes influências dos movimentos sociais da época o que favoreceu no entendimento das demandas sociais da população mais vulnerável do país. O Estatuto da Criança e do adolescente também conta com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) previsto no Estatuto (Lei nº 8.069/1990) e instituído pela Lei Federal nº 12.594/2012. O SINASE também é regido pelo pela Resolução 119/2006 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) e pelo Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo. O SINASE é o órgão responsável em articular as questões da Assistência Social, Saúde, Educação, Cultura e outros direitos políticos básicos ao Sistema de Justiça.

Com o advento do ECA o termo “menor” se tornou inapropriado. Essa palavra vem carregada de diversas questões sociais. A mídia contribui diretamente em relação a esse estigma e a construção do imaginário do que é um “menor”. Matérias referentes a “menor com drogas” geralmente tem a demarcação do recorte social, pobre e da raça, negra. Quando, raramente, os adolescentes e jovens moradores da Zona Sul sofrem exposição midiática a manchete é diferente “adolescente é apreendido na zona sul”, “filho de engenheiro é preso por transportar cocaína”. Então, a palavra “menor” será usada para desumanizar adolescentes que possuem um perfil social preestabelecido. Ademais, segundo o site do Ministério Público do Paraná (2020) “o termo possui uma conceituação errônea na medida que se contrapõe ao paradigma dos direitos, identificando os adolescentes como indivíduos sob a tutela dos responsáveis e que, por isso, não gozam de seus direitos como cidadãos.”

Outra noção que é imprescindível de ter para entender o que é a privação de liberdade é a de que a criança e o adolescente não cometem crime. Qualquer contravenção penal que for cometido por esses dois grupos será chamada de ato infracional. Não é qualquer ato infracional que é passível de privação de liberdade. Na realidade, na gradação das medidas socioeducativas, a privação é considerada a “punição” mais grave. Segundo a lei 8.069/1990 as medidas se darão nas seguintes formas

Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

- a) Advertência;
- b) Obrigação de reparar o dano;
- c) Prestação de serviços à comunidade;
- d) Liberdade assistida;
- e) Inserção em regime de semiliberdade;
- f) Internação em estabelecimento educacional.

A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua capacidade de cumpri-la, as circunstâncias e a gravidade da infração.

Em hipótese alguma e sob pretexto algum, será admitida a prestação de trabalho forçado. (Lei Federal 8.609/1990 - Art. 112)

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente a advertência poderá ser realizada se houver evidências de que o ato infracional foi cometido. Ela se configura em uma correção verbal, será levada a um termo de responsabilidade que precisará ser devidamente assinado. A obrigação de reparar o dano que o adolescente possa ter depredado também poderá ser convertida em uma outra medida adequada caso não seja possível fazer a restituição do prejuízo. O adolescente também poderá prestar serviços à comunidade mas essas atividades não poderão atrapalhar os estudos dele e só podem ser realizadas no período total de oito horas semanais. A aptidão física do adolescente também deverá ser levada em conta para cumprimento da medida. A liberdade assistida, popularmente chamada de L.A entre os adolescentes que estão no DEGASE, configura-se em um acompanhamento para o infrator com um profissional de entidade assistencial. A medida não poderá ser inferior a seis meses e esse orientador ficara incumbido da realização de relatórios para o juiz e a decisão se a medida deve ser revogada ou substituída por outra medida. Conforme a lei

Incumbe ao orientador, com o apoio e a supervisão da autoridade competente, a realização dos seguintes encargos, entre outros:

- Promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social;
- Supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula;
- Diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho;
- Apresentar relatório do caso. (Lei Federal 8.609/1990 - Art. 118)

O adolescente também poderá, desde o início cumprir a semiliberdade até como uma forma de transição para o meio aberto, se ele estiver em privação. Essa medida também é adotada através de alguns critérios, como por exemplo a escolarização e a profissionalização.

A última medida, que é a que estará ligada diretamente ao Emancipa no DEGASE é a medida de internação.

Art. 121. A internação constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

§ 1º Será permitida a realização de atividades externas, a critério da equipe técnica da entidade, salvo expressa determinação judicial em contrário.

§ 2º A medida não comporta prazo determinado, devendo sua manutenção ser reavaliada, mediante decisão fundamentada, no máximo a cada seis meses.

§ 3º Em nenhuma hipótese o período máximo de internação excederá a três anos. (Lei Federal 8.609/1990 - Art. 121)

Os responsáveis da criança e do adolescente também são passíveis de acompanhamento assistencial, visitas do conselho tutelar e em casos mais agravantes podem perder a guarda do adolescente ou responder junto a lei se for comprovada alguma prática criminosa por parte dele. Nos capítulos que se seguirão a discussão em relação a essa medida será retomada bem como os direitos que os adolescentes que estão em privação de liberdade deverão ter. Através de uma análise comparativa iremos observar se esses incisos estão sendo realmente assistidos.

1.3- O que é o Emancipa no DEGASE?

O início do Emancipa no DEGASE na Ilha do Governador se dá no ano de 2017. Em algumas aulas no pré vestibular do Emancipa de São Gonçalo, os organizadores do curso perceberam que a entrada de meninas nos cursinhos era muito mais elevada e começaram a se perguntar onde esses adolescentes estavam e se o motivo de serem majoritariamente mulheres no curso se daria pela falta de interesse dos homens. Após alguns levantamentos eles se deram conta que os jovens não estavam no curso porque a maioria estava apreendida nas unidades de internação. Mediante a isso, com a autorização da coordenação do DEGASE da época, o Emancipa começou a implantar aulas dentro do DEGASE - Ilha. No ano de 2019 a rede também começou a trabalhar com adolescentes em sistema de privação de liberdade na cidade de São Gonçalo.

As aulas do Emancipa acontecem de segunda a sexta-feira na parte da manhã e na parte da tarde, exceto as terças que eram os dias de audiência dos adolescentes. Os encontros são dados sempre em duplas, podendo ter mais pessoas em sala, mas não é recomendado ter um único educador. São duas horas e meia de aula, contudo é comum essas aulas ocorrerem

com menos tempo ou não ocorrerem por motivos como rebelião no dia anterior da aula, audiências marcadas de última hora ou se os agentes disserem que eles não poderão ir por motivos que nem sempre ficam transparentes. No início de cada período é dada uma relação de alunos que estarão na sala, geralmente divididos por turmas e é comum que juntem duas turmas diferentes, sempre se atentando em relação às minorias. “Minorias” é o nome dado aos adolescentes que fazem parte de uma outra facção que não seja o comando vermelho. As turmas também são divididas nos critérios que eles chamam de “turma de alfabetização” e “turma de reforço escolar”. Normalmente duas equipes/dupla de educadores vão durante o dia e outras duas equipes vão durante a parte da tarde, totalizando quatro turmas, duas para cada grupo de educadores. As turmas não costumam ter muita gente, mas é um número impreciso. Em uma aula podem descer quinze alunos, em outra pode descer dois ou nenhum. O que é bastante frustrante mas bem comum, ir para o DEGASE e não conseguir dar aula. Tudo irá depender de uma série de fatores, se houve rebelião, se os adolescentes querem sair dos alojamentos, se os agentes socioeducativos solicitam a vinda deles etc. Geralmente, quando uma dupla de educador chega no DEGASE ela solicita que todas as turmas desçam, porque se esse pedido não for feito o quanto antes, a chance deles comparecerem diminui. As aulas são marcadas para ocorrerem as nove, contudo os adolescentes chegam às nove e meia, dez horas. O que é extremamente difícil, dar aula para um grupo com tantas especificidades, com temas complexos, em menos de duas horas, pois as aulas vão até onze quinze.

O foco do Emancipa dentro do DEGASE é diferente em alguns pontos da Rede Emancipa de maneira geral. Um dos objetivos da rede é a inserção da juventude preta e pobre nas universidades, em especial as públicas. Dentro do DEGASE a emancipação toma um sentido distinto já que para a grande maioria dos meninos e meninas que estão ali a ideia da universidade é distante. Entender a educação em ambientes de medida socioeducativa em privação de liberdade é um desafio pois além das demandas que a educação enfrenta nos ambientes externos, essas discussões, atreladas ao confinamento se dão de uma forma mais complexa.

Segundo o relatório “Perfil dos adolescentes e jovens em conflito com a lei no Município do RJ” (2018) 46% dos jovens não estavam estudando, 51% estudavam e 3% não responderam. Essa pesquisa foi realizada no ano de 2018 e tomou como base 1.998 adolescentes, entre eles meninos e meninas. 79,6% desses jovens estão na faixa dos 15 aos 17

anos de idade, isso corresponde a 1.591 adolescentes, sendo que analisando os dados de escolaridade apenas 24,7% estavam no ensino médio. É fundamental entendermos o cenário de educação que esses indivíduos vivem para abordarmos o papel do curso Emancipa no DEGASE.

Entendendo que emancipação significa se tornar um ser independente. Essa independência, para os integrantes do Emancipa, só será possível se aqueles adolescentes entenderem o porquê deles estarem ali. A importância deles tentarem refletir através dos debates em sala de aula e com isso venham rever suas posturas, entendendo que a vida deles é um ato político. As aulas tratam sobre temas que afetam a vida desses jovens e são realizadas atividades e dinâmicas sobre vários assuntos. O curso não ensina o que a escola regular ensina, mas quando necessário, alfabetiza e dá reforço, pois entende que em uma sociedade que é baseada na escrita e expressa preconceitos linguísticos contra um grupo específico de pessoas, essa demanda será importante. Em *Pedagogia do oprimido* Freire (1974) diz que

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. (FREIRE, 1974, p. 20).

Paulo Freire não se referia especificamente a privação de liberdade, mas a afirmativa presente nesse trecho explicita o entendimento que o Emancipa tem em relação aos encontros dentro do DEGASE. Nos encontros é discutido assuntos da sociedade tais como racismo, desigualdade social, território e identidade, percepções culturais, estatuto da criança e do adolescente, direitos humanos, favela e sexualidade. Contudo, entende-se que nem sempre os educandos querem discutir assuntos como este. Em muitas aulas, quando é perceptível que os alunos estão mais para baixo do que de costume, por conta de vários fatores como rebeldia, extensão da medida ou qualquer questão pertinente a adolescência, que é agravada com a distância da família, realizamos outras atividades com eles, como adedanha - jogo de palavras - ou algum tipo de dinâmica. Muitas vezes, entre um diálogo e outro, nessas atividades um vínculo é estabelecido entre educador e educando.

O foco do Emancipa não é saber o ato infracional que levou aquele adolescente até o DEGASE, pelo contrário, os educadores são aconselhados a não questionarem em relação a isso. O motivo não deve ser levado em conta se verdadeiramente há o entendimento que

aqueles meninos e meninas estão ali, em sua maioria, porque o sistema e a sociedade na qual vivemos age de maneira pensada para que isso aconteça, de modo a garantir a manutenção do poder. Quando se defende a ideia de “Desmontar a visão mágica” é também entendendo que aqueles internos possivelmente podem voltar a rescindir os atos infracionais, porém, independente disso, o trabalho deve continuar com a mesma motivação.

Além das aulas também é necessário que os educadores que atuarão no DEGASE passem por uma capacitação. Nessa capacitação é explicado pontos técnicos e abordagens necessárias para atuar com os adolescentes. O que é o emancipa no DEGASE, como funciona a atuação, o que é a socioeducação e a privação de liberdade, entre outros assuntos. Esse encontro é organizado por educadores mais antigos que preparam o conteúdo sobre o departamento e sobre os adolescentes em internação, e daí surgem muitas questões por conta do imaginário que cada educador recém chegado cria em relação aos adolescentes. Os educadores também mostram através de dinâmicas em grupo e conversas como se cria um plano de aula, qual é o objetivo do Emancipa estar naquele espaço e falam sobre experiências que tiveram em sala. Assim como na Rede Emancipa, as atividades realizadas dentro do DEGASE são totalmente voluntárias, sendo ofertada apenas ajuda de custo nas passagens dos educadores que não possuem condições de pagar. Para atuar no Emancipa não é necessário ter diploma de graduação e nem estar inserido dentro da academia. Essa questão foi abordada em uma das minhas entrevistas com uma das coordenadoras do Emancipa no DEGASE, Cristiane Maria Oliveira (2020). Ela disse que uma das questões que a fez considerar o projeto interessante foi a não exigência de formação específica para que a pessoa atuasse como educador no Emancipa, especialmente no Emancipa no Degase. Ela acredita que com isso, de fato acontece uma determinada valorização de conhecimentos que não são valorizados academicamente e que são muito importantes para podermos efetivamente chegar aos sujeitos aos quais nós nos propomos a estar juntos. A educadora considera que isso faz com que a gente reflita sobre o entendimento acerca do “que é a formação”, “o que é um indivíduo formado” ; Ela defende que nesses espaços existe capacidade e, dependendo das demandas, é possível realizar essa formação ali dentro. Antes de ingressar no Emancipa, Cristiane estagiou na Prefeitura e já havia atuado na EJA (Educação de Jovens e Adultos), bem como em outros movimentos mas acredita que as experiências pessoais como educadora se deram especialmente nos espaços mais voltados para um grupo vulnerável, um grupo do qual ela se

identifica. A coordenadora disse que pensa que a sua formação foi se dando mediante a procurar a fim de que pudesse ir se aperfeiçoando às demandas que surgiam naquele contexto, nas articulações, no momento da elaboração dos planos de aulas e apesar de ter determinadas bases, oriundas da sua formação acadêmica em pedagogia, foram essas experiências que efetivamente foram moldando a sua formação. Por fim, em relação a esse tópico da entrevista, ela acredita que a formação que acontece nesses espaços tem valor incomensurável, e que essas linhas de pensamento devem ser mantidas e sempre deve ser dada importância aos diversos conhecimentos.

Outro aspecto particular ao Emancipa no DEGASE, são as reuniões que ocorrem quinzenalmente às segundas-feiras a noite no Centro do RJ para discussão de assuntos referentes ao DEGASE, aos adolescentes e aos eixos do movimento. Os eixos são grupos organizados pelos próprios educadores como forma de organização das ações do coletivo. Atualmente o Emancipa no DEGASE conta com o eixo do pedagógico, que é a equipe responsável por pensar os planos de aula. Anteriormente, cada dupla ou equipe de educador preparava um plano de aula específico de acordo com as demandas da turma, contudo, por regras do DEGASE, foi necessário realizar a padronização dos planos para que as pedagogas do Departamento tenham acesso prévio. O eixo da comunicação com a mobilização que é chamado de “comunicabilização” para tratar de divulgação do projeto nas redes sociais e mobilizar pessoas para ajudarem em questões como doações de kit de higiene para os internos, entre outras demandas. Esse eixo não trata apenas de divulgar as atividades do Emancipa no DEGASE, mas também discutir atualidade e tentar engajar o máximo de pessoas politicamente. Existe o eixo do financeiro que fica com a parte que lida com a ajuda na passagem para os educadores e tenta promover ações para custeio de material para aula e demais despesas. E o eixo do acompanhamento. Em sala de aula o adolescente é aconselhado a procurar o Emancipa quando estiver na “pista” (como eles chamam a rua) para que o contato não seja perdido e para que de alguma forma ele possa ser acompanhado pela equipe quando estiver em liberdade. Entende-se com o acompanhamento a importância e a necessidade da continuidade. Até o presente momento o Emancipa no DEGASE realiza o acompanhamento de três jovens, entre eles o Rafael Almeida, que surgirá no terceiro capítulo.

Nas reuniões de segunda a pauta é decidida coletivamente, podendo qualquer educador sugerir pontos a serem discutidos. Um tópico que é imprescindível na pauta é o de

debate da conjuntura social e política. Geralmente esse ponto é o primeiro a ser tratado nas reuniões. Quando questionei em entrevista ao Juliano (2020) porque era importante discutir conjuntura ele afirmou, nas palavras dele, que

... nós temos o interesse a partir de um debate de conjuntura de fazer com que aquela equipe de educadores se torne uma equipe que seja formada criticamente, que entenda a realidade e que perceba os limites de uma atuação (...) A orientação a curto prazo é passar na universidade, estudar para o vestibular, ensinar o jovem no DEGASE a ler, escrever, debater (...) trata de uma demanda que o nosso povo precisa que é a de educação. (...) Mas tem um objetivo estratégico ao longo prazo que é fazer uma revolução no Brasil. (...) é nesse sentido que o debate é fundamental para não criar um vício que só somos um movimento para dar aula e para debater o dia a dia da aula e como foi a aula (...) por isso a conjuntura cumpre essa função de falar que nós somos um movimento social que parte da demanda das pessoas e qual é a demanda agora e qual é a conjuntura? Então como está a classe dominante? Como está o povo? Esse debate é importante para politizar a nossa atuação para além da politização que já existe na aula, pois a aula também é política e também é politizante, mas existe um outro nível da política, da mudança mais estrutural e o debate de conjuntura é fundamental.” (TEIXEIRA, 2020)

Essa importância é latente ao revelar uma outra característica do Emancipa que é a presença nos atos e manifestações na rua. Os educadores são convocados a estarem presentes e a reivindicarem esses espaços. Questionei ao Juliano em relação a relevância da presença nas ruas e em resposta ele disse que

... a gente precisa voltar com a nossa capacidade de mobilização, então a mobilização é parte desse processo. Nós acreditamos que sem mobilização não há conquista de direitos. A gente precisa se mobilizar e colocar gente na rua, parar pontes, parar viaduto, parar a produção capitalista, fazer greves, (...) por isso que a gente sempre convocava para atos, pois os atos podem cumprir duas funções: serem atos mais simbólicos e atos de massa e nós temos preferência para convocarmos atos de massa (...) e eu não sei se outros coletivos de educação em privação de liberdade chamam para mobilização, acho que alguns sim, mas muitos não (...) inclusive a gente às vezes cancela aula quando tem alguma mobilização “sábado não vai ter aula porque tem ato”, pois as lutas não são separadas a luta para entrar na universidade é também a luta para mudar a sociedade e nós vamos mudar a sociedade na rua. (TEIXEIRA, 2020)

As aulas do Emancipa no DEGASE se dividem em ciclos que normalmente tem duração de três meses. Ao final é realizada uma formatura com os meninos e meninas que frequentaram as aulas. Eles ganham um diploma e uma carteirinha de aluno do Emancipa. Essa afirmação enquanto estudante é fundamental para que esse adolescente entenda que ele não se reduz ao ato infracional. As cerimônias são realizadas independente do tempo que falte para a medida socioeducativa ser cumprida e geralmente são abertas para que os responsáveis dos internos possam participar. Os adolescentes costumam ficar empolgados com a formatura

por ser um momento atípico, onde eles veem a família, ouvem músicas e conhecem internos de outras unidades. Em especial os meninos, com a oportunidade de estar com as adolescentes do PACGC.

A primeira vez a gente não esquece

Segunda-feira, 13 de maio de 2019.

É curioso, porque antes de conhecermos algum lugar sempre construímos uma imagem sobre ele. Antes da minha primeira aula como educadora do Emancipa, eu só conseguia imaginar como eram aqueles adolescentes. Lembro que eu tive ansiedade e, não posso negar, medo. Lidar com outro ser humano que já tenha cometido um crime, ou melhor ato infracional - mesmo que você não saiba qual - de início é intimidador. Para mim foi.

Os adolescentes deveriam descer 9:00 mas é comum atrasar. Por volta das 09:30 a turma chegou. Em sala eu era a única mulher. Tinham mais três educadores homens comigo que já conheciam alguns meninos da turma. Essa turma tinha adolescentes da Dom Bosco e da EJLA e o fato de só terem homens no ambiente me deixava apreensiva.

Quando os meninos chegaram em sala, logo seguido do agente, que fica do lado de fora, entraram em fila e cumprimentaram os três educadores. Alguns me cumprimentaram com bom dia, outros só olharam, nenhum deles apertou a minha mão. Eu não sabia se isso era algo positivo, como se eles respeitassem o meu espaço, ou negativo, eles me tratariam diferente por ser mulher? Logo no início, um dos educadores disse para eu me apresentar. Falei meu nome e disse que eles poderiam contar comigo. Um dos meninos, Renan me perguntou:

- *Tu mora onde?* Geralmente eles sempre fazem essa pergunta porque a questão do território é muito forte lá dentro por conta das facções. Já sabendo dessa questão, mas sem saída respondi:
- *Sou de Santa Cruz.* Esperando a pergunta que sempre vinha em seguida, e que já tinha ouvido várias vezes na faculdade e nos espaços mais elitistas que estive “onde fica Santa Cruz?” De repente ele vira e fala:
- *Ali perto da Reta da Base, no Rola ou no Cesarão?* Nos quase três anos de graduação que tinha na época, nunca conheci ninguém que conhecesse Santa Cruz,

sabendo nomear até os sub-bairros. Respondi e eles não fizeram mais perguntas. Fiquei aliviada.

Um dos educadores levou um filme para eles verem e a proposta era a gente fazer uma atividade depois. O filme era “O menino que descobriu o vento”. Conta a história de William, um menino que vivia em Malawi e mesmo com a pobreza, seca e as dificuldades tenta achar uma forma de ajudar o vilarejo em que vive. Inicialmente a ideia me incomodou um pouco, tomaria muito tempo de aula, mas como era meu primeiro dia, aceitei. Sentei entre eles e isso causou um certo estranhamento.

Na sala ao lado uma outra aula do Emancipa estava prevista acontecer, mas como só compareceram três alunos as turmas se juntaram e os educadores da outra sala vieram também. Chegaram mais duas mulheres educadoras e eu me senti mais confortável.

Durante o filme eles conversavam um pouco, mas estavam prestando atenção. Lembro que olhava para eles, meninos que aparentavam ter entre 14 e 16 anos. Garotos magros, baixos e que pareciam crianças comuns. Eu esperava me sentir ameaçada, mas ao fundo ouvia o Edson e o Renan falarem sobre futebol...Senti vergonha de mim por ter criado uma imagem preconceituosa dos adolescentes. Em uma determinada parte do filme, quando o garoto já está passando pela seca e pela fome e acabou brigando com o pai, que se mostra totalmente avesso às ideias do filho de resolver o problema da falta d'água, um dos educadores, para incitar o debate, comentou:

- *O pai dele não deixa nada, né? Implica com tudo que o moleque quer fazer.*

Um dos meninos ao fundo rebateu:

- *Pelo menos ele tem um pai que comparece!* E todos os adolescentes, rapidamente, concordaram. Nós, educadores nos entreolhamos e apenas conseguimos concordar.

Nunca vou esquecer a forma que aquela voz ao fundo da sala me atravessou. Nesses momentos a gente percebe o quanto somos alheios aos nossos privilégios. Até aqueles mais simples, que não enxergamos como privilégio, como o fato de termos um pai presente, uma família que se importa, a oportunidade de assistirmos alguma coisa sempre que queremos e principalmente nossa liberdade.

O filme acabou e um debate bem curto se iniciou, eles falaram pouco, mas já faziam contato visual e queriam falar em pé, andando de um lado para o outro. O que é normal

porque o DEGASE é um local onde os adolescentes mostram uma postura corporal extremamente rígida e retraída. Na saída, alguns meninos apertaram minha mão e perguntaram se eu voltaria, sorri e disse que sim.

-Tchau, professora. Professora? EU? Ali fui aprendiz.

CAPÍTULO 2

Como você se identifica?

Em uma quarta de 2019.

O objetivo era falar sobre Identidade. Fazer com que os adolescentes entendessem que eles poderiam traçar novas rotas a partir de outras identidades, mostrando que nós não somos apenas uma coisa mas somos um conjunto. Vários indivíduos dentro de um só. Essa aula foi no meu segundo semestre dentro do DEGASE ao meu lado estava Cíntia, uma das educadoras mais novas dentro do movimento na época. Me sentia confortável de estar com a Cíntia, porque conseguia sentir a presença de um ar machista em algumas falas entre os adolescentes e educadores homens com quem já havia dado aula.

Nós duas gostávamos de trocar ideia antes das aulas e adaptávamos o plano de acordo com nossas possibilidades. Uma das atividades era fazer um jogo com os adolescentes. O jogo acontecia dessa forma: nós mostrávamos cartas e eles precisavam dizer se eles se identificavam ou não com as imagens. Eram várias fotos, homens, mulheres, uma imagem tinha figura de um indígena, na outra um menino negro, em outra tinha um torcedor do Flamengo, um menino, um adulto e assim por diante. Se eles se identificassem era para levantarem a mão e depois falaríamos sobre.

Mostramos a imagem do indígena e o Felipe, um dos educandos, se identificou. O Felipe era um menino negro e isso causou um certo estranhamento entre mim e Cíntia. Mesmo assim, prosseguimos a atividade sem falar nada já que o objetivo era deixar que eles se identificassem. Em seguida mostramos a foto do menino negro, o Felipe levantou a mão novamente

- Ahh professoras, eu sou indígena por que meu avô por parte de mãe era indígena mas eu sou negro também né? Só olhar pra mim. A gente riu e concordou com ar de mistério. Continuamos a atividade.

Mostramos a imagem de um menino pobre, todos eles levantaram as mãos, incluindo Felipe. Após a imagem do menino pobre tinha um menino rico, todos permaneceram de mãos abaixadas, mas o Felipe levantou a mão. Não teve como não rir

- *Felipe, meu filho, tu é rico ou é pobre?* Todos riam.
- *Professora eu não sou rico, rico, mas também não sou pobre, pobre. Tem gente mais rica que eu e tem gente mais pobre que eu também. Eu, graças a Deus, tenho comida, casa. Agora não né, porque tô aqui, mas na pista eu tenho. Não é muito mais tem gente que não tem nada.*

Não é que fazia sentido? Interessante pensar que um menino dentro do DEGASE consegue ter mais noção dos seus privilégios do que muita gente aqui fora. Continuamos o jogo. A última carta era de um torcedor do Flamengo. Todos eles levantaram a mão menos...Adivinha quem?!

- *Ué, Felipe?! Estranhamos.*

Felipe já tinha levantado a mão para baiano, carioca, indígena, negro, menino pobre, menino rico, adulto, adolescente...Porque ele não levantou a mão para torcedor do Flamengo? Não teve como não perguntar

- *Felipe você não é flamenguista?*
- *Não professora, sou corinthiano!* e todo mundo caiu na gargalhada.

A gente brincou com isso durante a aula. Foi o primeiro baiano, carioca, negro, indígena, adolescente, adulto, menino pobre e rico que diz que não é flamenguista e sim corinthiano que conheci. Na saída da aula eles pediram para a gente levar “música boa”.

- *O que é música boa, gente?*
- *Ahhh, vocês sabem! Ikilo, Poesia acústica, Ferrugem.* Prometemos que iríamos tentar.

Da aula, eu e Cíntia saímos com alguns pensamentos. Entre eles, a exemplo do Felipe, como esses adolescentes se identificam com vários grupos além do que a sociedade os encaixa. Como um indivíduo pode ter várias identidades, além das socialmente construídas antes mesmo do seu nascimento e outras que ele constrói ao longo da sua trajetória. Também

refletimos sobre como o “música boa” é relativo. O bom de uns é o ruim de outros, mas isso não significa que a verdade de um sobre o gosto do outro tenha que ser absoluta.

2.1 - Tensionamentos culturais e sociais das medidas socioeducativas em internação (MSI)

Para iniciarmos o debate cultural, é importante descrever qual noção de cultura essa pesquisa está abordando. Também é necessário entender como a cultura, no sentido amplo, se apresenta em ambientes de privação de liberdade e elucidar a importância de se estudar fenômenos socioculturais em espaços de medidas socioeducativas. Mediante esta informação, iremos usar a definição de cultura dada pelo filósofo inglês, Terry Eagleton

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último. (EAGLETON, 2005, p. 184)

A partir das informações apresentadas pode-se traçar algumas questões que são controversas nos espaços de medidas socioeducativas aqui apresentados, dentre elas poderíamos citar a própria privação de liberdade, a coabitação de poderes diferentes nesse ambiente - o que causa tensionamentos - as diferentes narrativas encontradas ali, entre tantas outras que esses locais passam como a superlotação, ambientes desumanos, falta de fiscalização e tortura. São realidades sociais diferentes que integram aquele espaço e será necessário falarmos sobre elas para entendermos como tais aspectos estão intrinsecamente conectados ao conceito de cultura, entendendo que a cultura se faz presente em todas as relações.

Em 2009, Chimamanda Ngozi Adichie discursou na conferência TED (Technology, Entertainment, Design), a escritora falou sobre o “Perigo das histórias únicas” e de como nossa visão de Mundo as vezes fica limitada a apenas um lado de uma narrativa que tem várias versões. A autora disse

É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é “nkali”. É um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e político, histórias

também são definidas pelo princípio do “nkali”. Como é contada, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. (ADICHIE, 2019. p. 23).

É importante tentar compreender quais são as histórias que aqueles adolescentes estão sendo apresentados e muito para além disso é fundamental ter em mente que aqueles adolescentes carregam sua própria cultura do território deles. Desse modo, também é necessário tentar entender se de fato os educadores do Emancipa no DEGASE estão valorizando essa cultura como sendo legítima ou estão de alguma forma na tentativa de apresentar outras noções e práticas culturais como dominantes.

De início, é necessário pensar na posição de poder dos indivíduos que ocupam aquele espaço. Não há uma relação de equivalência e interação social como as que podem ser vistas no cotidiano. No DEGASE a dinâmica estará intrinsecamente associada às relações de poder dos grupos, tanto dos agentes para os adolescentes, da direção para os agentes e até entre os próprios adolescentes essas distinções serão pautadas. As aulas do Emancipa também lidarão com esse tensionamento. É comum que os adolescentes se classifiquem em seus grupos e tentem disputar poder com os educadores. Contudo, não acredito que tal postura seja característica apenas destes adolescentes, porém, a problemática da privação de liberdade e do ato infracional, dificulta ainda mais a aproximação por semelhança entre os adolescentes e os outros sujeitos do DEGASE.

Kathryn Woodward (2002. p. 19) faz a seguinte afirmação com base no escritor Stuart Hall “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído”. Tal lógica é visível nos espaços de privação de liberdade, já que a ideia do que é o incluído e do que é excluído se torna mais nítida. No livro “Identidade e diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais” Stuart Hall (2003) e os demais autores mostram como a cultura está atrelada a questão da identidade, que por sua vez é algo que está conectado aos grupos sociais e história dos indivíduos. Não somente isso, para os autores a questão da identidade está diretamente conectada a diferença, onde uma é coexistente da outra.

Um dos muitos pontos que é fundamental destacar em relação a diferença entre os agentes que compõem aquele ambiente é a conformidade com a lei. O DEGASE é um órgão de correção do Estado e todos os indivíduos que ocupam aquele espaço devem estar em

conformidade com a lei, pois são eles que irão realizar a “ressocialização” dos adolescentes. O fato desses meninos e meninas estarem em “conflito” com a lei demarca uma forte diferença. Tal diferença não se dá de maneira simples, essa diferença é carregada de uma forte identidade estigmatizada: o “menor” bandido. Nesse caso a identidade toma mais espaço do que de costume, pois antes que haja estabelecimento de alguma relação entre os adolescentes e os demais, existe a presença preexistente da identidade marginal. É importante salientar que nem todos os indivíduos lidarão com a identidade destes adolescentes da mesma forma. Alguns, como por exemplo o Emancipa no DEGASE, irão tomar esta identidade como existente mas não fixa ao indivíduo. Outros, entenderão essa identidade como algo que é inerente e imutável, como é possível presenciar na fala de alguns agentes do espaço e muitas vezes na dos próprios adolescentes. Stuart Hall (1992) em “A identidade cultural na pós-modernidade” fala a respeito de algo que Doreen Massey chama de “Geometria do poder”

... eu quero fazer um simples ponto aqui sobre o que se poderia chamar de geometria do poder, a geometria do poder da compressão espaço-tempo. Diferentes indivíduos e grupos sociais passam a ocupar posições distintas em relação a esses fluxos e interconexões. Este ponto não diz respeito apenas a questão de quem se move ou não, apesar deste ser um elemento importante; diz respeito ao poder em relação aos fluxos e movimentos. Diferentes grupos sociais têm relações distintas com esta mobilidade, de qualquer maneira, diferenciada: algumas pessoas “comandam”. (HALL, 2002, p. 36)

Além de comandar quem se move, os agentes também são os responsáveis por tais fluxos e movimentos. A noção de que eles comandam naquele espaço é latente e extremamente presente na concepção dos adolescentes. Pode-se observar essa afirmação até na postura deles, quando em sala, se mostram mais extrovertidos, abertos e na chegada dos agentes a postura corporal muda e a personalidade introspectiva surge novamente. Dentro de sala de aula há gesticulação, eles se espreguiçam, falam (nem sempre com os educadores mas uns com os outros) e fazem contato visual com mais frequência. Na chegada dos agentes a postura é sempre a mesma: braços para trás, cabeça baixa e silêncio. Em seu livro “Vigiar e punir” Foucault (1975) apresenta a seguinte definição de como o Estado toma os indivíduos que transgridem a lei:

Todo malfeitor, atacando o direito social, torna-se, por seus crimes, rebelde e traidor da pátria; a conservação do Estado é então incompatível com a sua; um dos dois tem que perecer, e, quando se faz perecer o culpado, é menos como cidadão que como inimigo. O direito de punir deslocou-se da vingança do soberano à defesa da sociedade. (FOUCAULT, 2012 p. 105)

Evidentemente não pode-se tomar esta leitura literalmente porque Michael Foucault escreve diretamente em relação aos indivíduos que se encontram em presídios e a medida socioeducativa, mesmo que na prática funcione de maneira análoga, é um projeto teórico diferente. Mas é possível encontrar nas palavras do autor algumas hipóteses para essa pesquisa. Abordando o trecho acima e a relação identidade x diferença, pode-se também realizar uma determinada leitura em relação ao Estado. Além do estigma presente nesses adolescentes, que são dados pela mídia e impregnados de noções e discursos políticos, existe o entendimento de que eles se encontram como “inimigos da sociedade” e por isso devem ser contidos. Não são mais adolescentes, crianças ou jovens, são reduzidos a “menores”. Se o diferente é visto como o errado, que deve ser contido, os responsáveis por esse diferente adotarão essa postura em relação a eles.

Não é necessário aceitar cada detalhe da descrição que Foucault faz do caráter abrangente dos "regimes disciplinares" do moderno poder administrativo moderno para compreender o paradoxo de que, quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual. (HALL, 2002. p. 7).

Em 1971, na Universidade de Stanford nos EUA, um professor do departamento de psicologia, Philip Zimbardo, realizou um estudo com 24 jovens de sua turma. Eles foram divididos entre agentes penitenciários e criminosos e passaram por uma simulação em um ambiente que simulava uma prisão. Os alunos que representavam os agentes foram orientados e, ao decorrer dos dias, foi possível observar como os “agentes” se tornavam mais autoritários e agressivos e como os “presos” se comportavam de maneira passiva, acuados. O experimento foi organizado pelo professor para durar duas semanas, contudo, dentro de seis dias ele foi cancelado por conta das experiências degradantes que estavam ocorrendo ali. Segundo o livro “O efeito Lúcifer: entendendo como pessoas boas se tornam más” Zimbardo (2007) diz que estava tão imerso na sua pesquisa e na oportunidade de coordenar aquela dependência que ele mesmo não se atentou para as condições desumanas que estavam acontecendo ali. Os responsáveis por pausar o experimento foram as pessoas próximas aos vinte quatro alunos que iam visitar os “presos” e perceberam que aquele estudo estava tomando proporções descabidas. Esse estudo foi intitulado “Efeito Lúcifer” e foram feitas diversas análises a partir desta experiência, uma delas foi a de que o nosso papel na sociedade irá influenciar diretamente a nossa visão de mundo. O autor traz conceitos importantes que também

revelarão pontos em comum com o DEGASE. Ele fala sobre a desumanização própria, que é quando o indivíduo se entende pertencente a um grupo, respondendo a uma força superior, como por exemplo o Estado e suas ações acabam sendo diluídas, porque ele não “erra” sozinho, mas faz parte de um coletivo que ratifica constantemente suas ações. A outra desumanização que Philipp aborda é a desumanização do outro, que diz respeito a quanto menos você saber quem é aquele indivíduo melhor. Não conhecer a narrativa dele é mais eficaz, porque isso facilita na sua falta de identificação com o sujeito. É interessante pensar nessa pesquisa porque ela revela pontos fundamentais, como por exemplo o de obedecer a autoridade superior sem questionar, estar sempre em conformidade com o grupo e não repensar as ações do coletivo.

O que está em questão aqui não é a postura individual de cada agente que está no DEGASE, até porque, como mencionado, esses sujeitos fazem parte de uma lógica muito maior do que ações individualizadas. Poderíamos classificar os habitantes daquele espaço em três posições: Os que estão obedecendo e cumprindo as ordens do Estado, os que estão “pagando uma dívida” com o Estado e os que estão tentando subverter ideais excludentes desse Estado.

2.2 - Quem são os adolescentes que estão no DEGASE?

O título desse capítulo funciona como uma espécie de pegadinha, porque é muito difícil determinar fielmente qual é o perfil desses adolescentes. Primeiro, porque são pesquisas realizadas com apenas uma parcela desses jovens e é complexo receber um dado que seja preciso porque os adolescentes interpretam toda pesquisa ou projeto que eles participem no DEGASE, como uma forma de monitoramento. Muitos acreditam que algumas práticas acarretarão diretamente no tempo da medida e acabam não sendo sinceros por medo de represálias. É importante salientar isso para desconstruir a visão de que as pesquisas realizadas naquele ambiente são totalmente precisas, haja visto que estamos falando de um ambiente de repressão do Estado. Contudo, para a maior compreensão, é fundamental entendermos algumas características pertencentes a esses adolescentes que estão em privação de liberdade. Infelizmente, nenhuma pesquisa recente traz dados precisos em relação aos adolescentes que estão no DEGASE, por conta disso, alguns dados trazidos aqui serão de relatórios diferentes, em anos de pesquisa distintos, na tentativa de abarcar algumas dessas

informações. A maioria das informações que constarão aqui são retiradas do levantamento do “Perfil dos jovens e adolescentes em conflito com a lei no município do Rio de Janeiro” do ano de 2018. Essa pesquisa foi realizada com 1.998 adolescentes, sendo 1.741 do sexo masculino e 254 casos do sexo feminino.

Tabela 3 - Idade dos adolescentes e jovens atendidos

Idade	Número de casos	Percentual
11	01	0,1
12	21	1,1
13	73	3,7
14	152	7,6
15	375	18,8
16	537	26,8
17	679	34,0
18	127	6,4
19	24	1,2
20	01	0,1
21	01	0,1
NI	07	0,4
Total	1.998	100

Fonte: Perfil dos jovens e adolescentes em conflito com a lei no município do RJ 2018.

Segundo a pesquisa, 79,6% dos adolescentes estão na faixa etária entre 15 e 17. Com relação ao local de nascimento dos adolescentes e jovens, 95,2% nasceram no estado do Rio de Janeiro. Em relação à escolaridade dos adolescentes e jovens, 64,5% estão no ensino fundamental e 24,7% estão no ensino médio.

Tabela 5 - Escolaridade dos adolescentes e jovens atendidos

Escolarização	Número	Percentual
Sem escolaridade	2	0,1
1º ano do fundamental	12	0,6
2º ano do fundamental	7	0,4
3º ano do fundamental	27	1,4
4º ano do fundamental	72	3,6
5º ano do fundamental	107	5,4
6º ano do fundamental	246	12,3
7º ano do fundamental	267	13,4
8º ano do fundamental	254	12,7
9º ano do fundamental	298	14,7
1º ano do Ensino Médio	314	15,7
2º ano do Ensino Médio	114	5,7
3º ano do Ensino Médio	66	3,3
Fundamental completo	8	0,4
NI	204	10,3
Total	1.998	100

Fonte: Perfil dos jovens e adolescentes em conflito com a lei no município do RJ 2018.

O maior número de casos se concentra do 6º ano do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio, correspondendo a 69% do total. Considerando que mais da metade dos jovens atendidos (64,7%) possui até 9 anos de escolaridade e que 79,6% têm idades entre 15 e 17 anos, pode-se concluir que há irregularidade entre a idade dos jovens e a série que eles estão cursando. Esse dado também se torna evidente em sala de aula, quando nos deparamos com jovens de 16 anos que apresentam muita dificuldade na leitura, daí a importância da alfabetização. No DEGASE há uma escola regular, como dito anteriormente. Contudo, com os problemas de superlotação e de um alto índice de adolescentes com idades próximas, com quadros sociais tão distintos, é comum vermos internos que estavam em um determinado ano do ensino médio serem realocados em séries abaixo da que o corresponde. É perceptível a falta de controle do Órgão até nas aulas do Emancipa, quando em uma turma de “alfabetização” colocam adolescentes que sabem ler e escrever e em turmas de “reforço” notamos vários meninos que mostram dificuldade na escrita e na leitura. Os adolescentes em internação masculina serão mais referenciados nesta pesquisa, porque a unidade de internação feminina funciona de uma forma diferente por não enfrentar problemáticas como a questão da superlotação.

Para melhor entendimento do que é essa superlotação a qual essa pesquisa se refere, segundo relatórios oficiais do Mecanismo Estadual de Prevenção de Combate à Tortura¹ (2020) e inúmeras matérias que saem na mídia, as unidades de internação masculina funcionam com mais que o dobro da sua capacidade de lotação. Segundo o jornal local da Ilha do Governador, em matéria publicada no dia 21 de junho de 2019, mais de 500 adolescentes ocupavam espaço na Dom Bosco destinados a 216. Evidencio aqui que esses são dados antes da pandemia do novo coronavírus, contudo, como consta no capítulo três desta pesquisa, a realidade ainda não está próxima do aceitável, pelo contrário.

Sobre a situação escolar dos adolescentes e jovens atendidos, 1.029 casos (51,5%) afirmaram estar na escola, enquanto 913 (45,7%) apontaram estar afastados das atividades educacionais por períodos que variaram de meses até anos. Foram identificados 56 casos (2,8%) sem informações nos documentos. Ainda em relação ao relatório, 18,6% dos adolescentes entrevistados afirmaram que abandonaram a escola por conta do trabalho. A importância que os adolescentes que estão no DEGASE dão as atividades remuneradas é explícita. Em uma das aulas os alunos questionaram a mim e a minha dupla, Cíntia, quanto a

gente recebia para estar ali. Depois de insistirmos que não ganhávamos nenhum valor em dinheiro e ainda pagávamos o transporte até a CECEL eles riram, o Luiz, um dos educandos disse “Vocês são maluca, professora. Sem pagar? Tô fora”. E essa não é uma visão inerente a apenas aqueles adolescentes que estão ali. Na sociedade capitalista na qual vivemos, o dinheiro irá representar um traço fundamental, principalmente para jovens em vulnerabilidade socioeconômica. Em 1978 o sociólogo Pierre Bourdieu em entrevista afirmou que

(...) uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem sair da escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de ascenderem o mais depressa possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que lhe encontram associadas: ter dinheiro é muito importante como afirmação perante amigos, perante as meninas (...) e serem reconhecidos e reconhecerem-se como “homens”. (BOURDIEU, 1978, p. 115).

Além da evasão por questões de trabalho o relatório também evidencia que muitos adolescentes evadem por questões como expulsão, problemas pessoais, por distância da escola, por ausência de vaga, desinteresse, entre outros. Em relação a família, 1.599 adolescentes responderam ter irmãos, nos casos restantes não constavam documentação de parentesco.

Tabela 14 - Quantidade de irmãos

Número de irmãos	Número de casos	Percentual
1	213	10,7
2	341	17,1
3	294	14,7
4	229	11,5
5	134	6,7
6 ou mais	248	8,2
NA	399	18,8
NI	140	8,2
Total	1.998	100

Fonte: Perfil dos jovens e adolescentes em conflito com a lei no município do RJ 2018.

Esse relatório não possui dados em relação a cor dos adolescentes e a demarcação racial é um tópico importante a ser pensado. Em uma pesquisa realizada pelo DEGASE por Raul Japiassu Câmara (2016) com 307 jovens, 51% se afirmou enquanto pardo, 28,5% negro, brancos foram 16,6% e 3,9% disseram que são outros. É importante refletir em relação aos adolescentes que se afirmam pardos, tendo em conta o imaginário e senso comum do país a respeito do que é uma pessoa preta. Em relação a renda adquirida ao mês anterior pela

família, 24,7% respondeu que juntando toda a renda da sua família, o valor seria o de um salário mínimo¹. 23,6 % de um a dois salários mínimos, 18,7% de dois a três e 33% afirmaram receber mais de três salários mínimos. Quando questionados em relação a quantidade de pessoas que residem com eles, 4,7% afirmaram morar com uma pessoa, 9,1% com duas, 14,7% com três, 22,8% com quatro, 18,1% com cinco. 30,6% dos adolescentes, ou seja a maioria, afirmaram morar com seis pessoas ou mais.

De volta ao relatório “Perfil dos adolescentes e jovens em conflito com a lei” de 2018, em relação aos atos infracionais, mostra que a imputação por roubo representa a contravenção mais frequente com 541 casos (27,1%); furto com 288 casos (14,4%); tráfico com 270 casos (13,5%); lesão corporal com 216 casos (10,8%); posse de drogas com 67 casos (3,4%); receptação 66 casos (3,3%); ameaça com 58 casos (2,9%); dano contra o patrimônio com 42 casos (2,1%); estupro com 33 casos e homicídio com 27 casos (1,4%) – sendo dois de natureza culposa.

Tabela 18 - Ato infracional por mês no ano de 2018

	ROUBO	FURTO	TRAFICO	LESAO CORPORAL	POSSE DE DROGAS	RECEPTAÇÃO	HOMICIDIO	OUTROS	NI
Janeiro	39	25	28	13	3	2	4	18	0
Fevereiro	52	25	18	24	4	4	0	14	21
Março	51	20	19	37	7	3	4	37	10
Abril	36	40	25	15	4	9	3	37	10
Maiο	33	12	30	17	6	6	1	35	28
Junho	54	12	27	13	7	3	2	28	28
Julho	53	19	33	16	6	14	0	14	20
Agosto	54	31	26	8	5	4	2	38	28
Setembro	47	22	17	21	7	4	2	25	6
Outubro	53	18	14	15	2	7	2	34	30
Novembro	29	33	7	21	8	3	3	25	4
Dezembro	40	31	26	16	8	7	4	30	3
Total	541	288	270	216	67	66	27	335	188

Fonte: Perfil dos jovens e adolescentes em conflito com a lei no município do RJ 2018.

A relação com o tráfico de drogas é atrelada a questão das facções. Mesmo quando um adolescente é encaminhado para o DEGASE por uma infração que não está aliada a essa questão, a coordenação do Departamento o aloca tomando critérios geográficos. Ou seja, se o adolescente reside em um local que é dominado por alguma facção, ele ficará com os

adolescentes que pertenciam àquela facção ou se encontram na mesma situação que ele. Isso acontece porque essa questão é muito presente lá dentro, a ideia de território e de grupo. Ficarem um lugar que não corresponde pode ser perigoso para a integridade física do interno. Essa separação é realizada sempre que possível em atividades e espaços que os adolescentes ocupam. Contudo, novamente a questão da superlotação aparecerá como empecilho para essa organização. Não há dados públicos recentes em relação a facção que “domina” o DEGASE, mas em sala de aula com as falas dos adolescentes e em diálogos informais com os agentes institucionais, é possível afirmar que o “Comando Vermelho” é a facção predominante, sendo as outras minorias. Para além disso, segundo reportagem realizada pelo G1 no dia 07 de julho de 2020, a facção do Comando Vermelho (CV) é a maior no estado do RJ com ocupação em quase 60% das comunidades do Estado. Seguidas do Terceiro Comando Puro (TCP) e Amigo dos amigos (ADA).

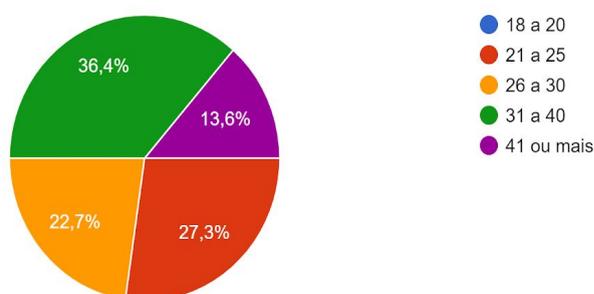
2.3 - Quem são os educadores do Emancipa no DEGASE?

Para compreender quem são os educadores do Emancipa no DEGASE foi realizado um questionário¹. A plataforma google forms - que foi onde o formulário foi criado - permite que o questionário seja dividido em seções, onde o criador do formulário pode abordar perguntas do mesmo assunto em um mesmo bloco e optar por criar outras seções para outros temas. A primeira seção dizia respeito ao educador, onde ele vive, afinidades políticas, idade, entre outras perguntas. A segunda seção tinha a intenção de abarcar as noções e práticas culturais dos educadores. A terceira e última se debruçava em entender como era a relação do educador com a sala de aula dentro do DEGASE. O questionário foi aplicado no dia 23 de junho de 2020 e contou com a participação de vinte e dois educadores. Ele poderia ser respondido de forma anônima, mas dezessete educadores se identificaram. Porém, nenhuma das identidades constará nessa pesquisa porque a presença de nomes não contribuiria diretamente com a análise dos dados de uma forma geral, mas poderia expor o educador a outros membros da equipe e esse não é o objetivo deste estudo.

Sobre raça, 54,5% (12) se afirmaram brancos, 36,4% (8) dos educadores se afirmaram enquanto pessoas pretas e 9,1% (2) se declaram pardos. Em relação a identidade de gênero, 72,7% (16) se afirmam enquanto mulheres cisgênero, 22,7% se declaram homens cis e um educador criou uma nova alternativa e se afirmou enquanto bissexual, mesmo bissexual não

sendo identidade de gênero. É legítimo ressaltarmos esse equívoco por parte do educador porque o Emancipa no DEGASE já abordou temas como educação sexual nos seus planos de aula com os adolescentes e um dos pontos debatidos era a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Por mais que um entre vinte e dois tenha cometido esse engano, demonstra a necessidade de perceber que dentro da equipe também haverá dificuldades em entender determinados conceitos. É legítimo refletir se capacitações da equipe em assuntos que não sejam diretamente ligados às MSI (medidas socioeducativas de internação) também se fazem necessárias. Em relação a idade o grupo apresenta resultados diferentes, como o gráfico evidencia.

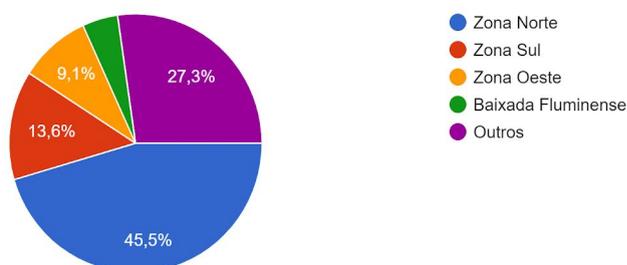
Sua idade
22 respostas



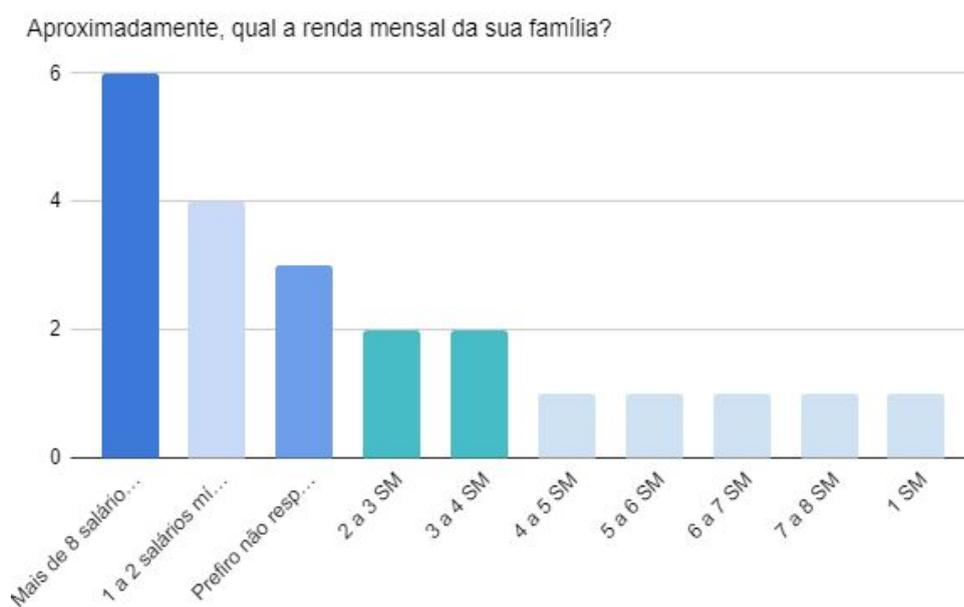
Fonte: Própria

Oito pessoas possuem idade entre 31 a 40 anos, seis pessoas possuem idade entre 21 a 25, cinco educadores estão na faixa de 26 a 30 e três possuem 41 anos ou mais. Atualmente nenhum educador possui idade entre 18 a 20 anos. Sobre a zona da cidade que eles moram os educadores responderam

Onde você reside?
22 respostas



A maioria dos educadores residem na Zona norte nos bairros de Anchieta (1), Madureira (1), Vila da Penha (2), Riachuelo (1), Tijuca (3), Tomás Coelho (1), Vila Isabel (1). Os que assinalaram que moram em outras regiões residem no Centro do Rio, Lapa, Fonseca - Niterói, Gamboa e Santa Teresa. Em relação a Zona sul, os três educadores (13,6%) moram nos bairros de Ipanema, Flamengo e Botafogo. O educador que reside na baixada é de Campos Elíseos e dois educadores moram na Zona Oeste do RJ, nos bairros de Jacarepaguá e Paciência. Um dos educadores que assinalou morar em “outros” reside na Penha Circular, que é um bairro pertencente a Zona norte da cidade do Rio. Assinalo novamente o equívoco por conta desse outro educador, porque nas aulas, uma das questões mais presentes é em relação ao território. É importante perceber que noções que parecem fáceis de entender poderão ser complexas para alguns integrantes da equipe.



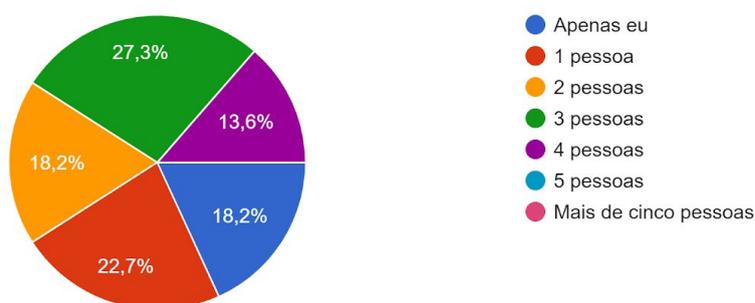
Fonte: Própria

De acordo com o gráfico, 27,3% (6) dos educadores recebem mais de oito salários mínimos, lembrando que atualmente o valor do salário mínimo é de R\$ 1.045,00. 18,2% (4) dos educadores vive com um a dois salários mínimos, 13,6% (3) preferiram não responder. Apenas um educador declarou viver com até um salário mínimo. Para compreender melhor a distribuição de renda, perguntei a quantidade de pessoas que o educador vive e pode se

perceber um dado interessante. Quando questionados com quantas pessoas eles residem as respostas foram

Quantas pessoas moram com você?

22 respostas



Fonte: Própria

Três pessoas preferiram não responder em relação a renda. Através do gráfico será possível observar que nenhum dos educadores reside com cinco ou mais pessoas. 40,9% dos educadores vivem sozinhos ou moram com apenas uma pessoa, correspondendo ao número de nove pessoas. O dado que é possível extrair é que se analisarmos novamente o perfil dos adolescentes, notamos que 30,6% deles afirmaram viver com seis pessoas ou mais. Apenas 4,7% deles afirmaram morar com apenas um familiar. Em relação aos educadores, renda e quantidade de pessoas que residem com eles, todos que responderam ter na sua renda mais de oito salários mínimos, vivem com até três pessoas. Quando analisados caso a caso é perceptível observar que quanto mais pessoas na casa, menor é a renda desses educadores, e os educadores que responderam ter as maiores rendas mensais são aqueles que moram com menos gente. Esse dado é fundamental para entendermos os recortes sociais da equipe e pensarmos também em relação a concentração de renda e a desigualdades sociais existentes dentro de um mesmo grupo. A maior concentração de renda pertence às pessoas que afirmaram morar na Zona Sul e em regiões da Zona Norte, como a Tijuca. Isso também demarca um outro recorte, que é o territorial.

Vinte e um educadores demonstraram em sua afinidade política a ligação com a Esquerda. Apenas um educador se afirmou enquanto Anarco Socialista. Quando perguntados se concluíram ou estão concluindo alguma graduação, 100% dos educadores afirmaram que

estão concluindo ou já concluíram. Entre as graduações constam Arquitetura e Urbanismo, Filosofia, Direito, Pedagogia, Psicologia, Serviço Social, História e Ciências biológicas. Alguns educadores possuem mestrado e estão realizando doutorado em uma dessas áreas. Outros estão concluindo o curso de graduação. A heterogeneidade das formações é algo positivo, porque mostra que pessoas das diferentes áreas estão se atentando ao assunto da privação de liberdade, mas uma questão que é importante salientar é a de que mesmo não tendo necessidade de se possuir uma graduação para atuar como educador do Emancipa no DEGASE, todos os educadores que participaram do formulário possuem ou possuíam alguma relação com o ensino superior. Esse fato pode ser um reflexo da dificuldade que os movimentos sociais tem em fazer com que a massa contribua diretamente com eles. Uma questão a se pensar é de que forma efetivamente o Emancipa no DEGASE chega a esses grupos sociais com a proposta de realizar algo com eles e não para eles. Dos educadores, 68,2% fazem parte de outros movimentos sociais que se relacionam de alguma forma com a temática do Emancipa. Quando perguntados como conheceram o Emancipa no DEGASE, 40,9% conheceu através das redes sociais, 22,7% através de convites e 18,2% em eventos políticos. Os que responderam diferente pesquisaram no Google e descobriram de outras formas.

Em relação às questões que se proporam a abarcar as noções culturais, a maioria foram organizadas no formato de afirmações conhecidas a respeito do que é cultura e os educadores teriam que concordar ou discordar. A primeira afirmação desse bloco foi “A cultura está acima da diferença da condição social” (Confúcio) onde 36,4% dos educadores concordaram totalmente com a afirmação do filósofo chinês, seguidos de 22,7% que discordaram parcialmente, 18,2% que concordaram totalmente, 9,1% discordaram totalmente e 13,6%, correspondendo a dois educadores assinalaram “N.D.A” (Nenhuma das alternativas).

Não podemos esquecer de abordar a noção entre cultura popular e cultura erudita, onde uma será inferiorizada em detrimento da outra na sociedade na qual vivemos. Por mais que essa discussão esboce ser sanada no campo político da esquerda e dos movimentos sociais, tal lógica pode ser uma ideia equivocada do senso comum. Bourdieu (1983) em “Gostos de classes e estilo de vida” defende a ideia de que não existem “gostos naturais”, pensar que alguém se identifica com um estilo musical ou lugar simplesmente porque “gosta” é invisibilizar a luta de classes, pressupondo que o acesso a todos os tipos de manifestações e

práticas culturais estão acessíveis para todos os grupos. A pessoa será construída a partir de sua vivência enquanto indivíduo pertencente a uma família e são as condições sociais desse grupo que irão definir o que essa pessoa irá consumir. Quanto mais capital cultural - experiências culturais entrelaçadas com a condição econômica do sujeito - ele tiver, mais aceitável para a sociedade o indivíduo se torna. Ainda em “Gostos de classes” o autor aborda a questão de pertencimento na cultura elitista e a forma como esse pertencimento é colocada para demarcar distinção entre classes.

André Malraux, escritor francês de assuntos políticos e culturais, afirmou que “A cultura não se herda, conquista-se” quando confrontados com essa afirmativa 45,5% dos educadores concordou parcialmente, 27,3% discordou parcialmente, 22,7% discordou totalmente e um disse que a resposta não era nenhuma das alternativas. Pensando na frase de Malraux, qual é a cultura que é passível de ser conquistada? Uma cultura que não é disponível para todos e que precisa de um esforço do indivíduo para alcançá-la. A ideia de uma identidade cultural fixa e imutável é complexa de se ter, porque caminha em direção oposta ao projeto que o Emancipa desenvolve dentro do DEGASE.

A cultura pode ser herdada através da família e contexto social no qual o indivíduo está inserido, mas também pode-se conquistar outras noções culturais ao longo de experiências. Stuart Hall (2003) em identidade e diferença diz que

A segunda concepção de identidade cultural é aquela que a vê como “uma questão tanto de ‘tornar-se’ quanto de ‘ser’. Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação. (HALL, 2003, p. 9).

Uma outra frase que constava nos questionários dizia “Quando se trata de Brasil, quando ouço falar em cultura, eu saco meu rolo de papel higiênico.” (Olavo de Carvalho). 86,4% dos educadores discordaram totalmente da frase, 4,5% discordaram parcialmente e 9,1% concordou totalmente com a afirmação. Olavo de Carvalho é uma figura que representa ideias conservadoras, elitistas e possui vinculação próxima ao presidente Jair Bolsonaro. Pode-se dizer que ele caminha em direção contrária aos ideais da Esquerda. Contudo, a frase do autoproclamado filósofo revela um traço marcante no imaginário nacional, que é o fato de algumas pessoas acreditarem que o Brasil não produz “boa” cultura, como se o que fosse produção nacional não passasse de dejetos. Então, novamente retornamos a questão da hierarquização entre culturas e ao sentimento eurocêntrico/norte americanizado de pensar que

o que é bom é o que é importado desses lugares. Dentro de um movimento social esse pensamento deveria inexistir, contudo, há uma pessoa que concorda com Olavo de Carvalho.

A afirmação seguinte era de que “Cultura é algo que se adquire em todos os momentos e em qualquer situação, bastando para isso, estar aberto apenas.” da jornalista Valéria de Almeida. 54,5% dos educadores concordou totalmente com a frase, 36,4% concordou parcialmente e 9,1% discordou parcialmente. A cultura se fará presente em todas as relações do cotidiano, contudo, não é qualquer manifestação cultural que será palpável para todos os grupos sociais. As práticas e noções culturais estarão diretamente relacionadas a questões sociais e territoriais. Na afirmativa que sucede a essa consta "Cultura é privilégio para poucos" (Monitor mercantil) onde 40,9% dos educadores discordou parcialmente, 31,8% concordou parcialmente, 22,7% discordou totalmente e apenas um educador concordou totalmente. No entanto, na frase "Todo Mundo tem cultura" (Ciência mão) 72,7% dos educadores concordou totalmente, 22,7% concordou parcialmente e um educador discordou parcialmente.

Os dados também evidenciam que para as diferentes perguntas presentes no formulário, os educadores estavam adotando noções distintas sobre cultura, algumas vezes no significado amplo da palavra e outras em seus sentidos mais restritos. Na frase de Valéria Almeida “Cultura é algo que se adquire em todos os momentos e em qualquer situação, bastando para isso, estar aberto apenas.” 54,5% dos educadores concordaram totalmente. Essa frase evidencia uma noção mais ampla da cultura, sem levar em conta a discussão de classes sociais e distinções sobre cultura. Porém, na afirmativa “Cultura é privilégio para poucos”, que é mais associada a discussão hierárquica da cultura, apenas 22,7% dos educadores discordou totalmente. Se o educador respondesse as duas frases aplicando a mesma noção de cultura os dados seriam distintos. Como a cultura pode ser algo que está presente em todas as trocas sendo necessário só estar aberto a receber e ainda assim ser privilégio para poucos? Ainda pensando nessas variações, podemos observar que 72,7% dos educadores concordam totalmente com a ideia de que “Todo Mundo tem cultura” mas 36,3% acreditam que “Cultura é privilégio para poucos” e 40,9% discordam da afirmação mas não totalmente. Essas duas afirmações podem ser confrontadas porque uma diz que todos os indivíduos são detentores de cultura e a outra afirma que apenas os indivíduos privilegiados possuem cultura. Se quinze educadores concordam totalmente com a primeira afirmativa, seria lógico que os mesmos

quinze discordassem totalmente da segunda frase, mas não é isso que acontece. Além de não serem os mesmos que concordam em uma e discordam na outra é possível perceber que as interpretações das frases sofrem relativizações distintas, ao ponto que a cultura é analisada como fator presente em todas as relações ou como hábitos culturais que apenas a camada privilegiada da sociedade terá acesso.

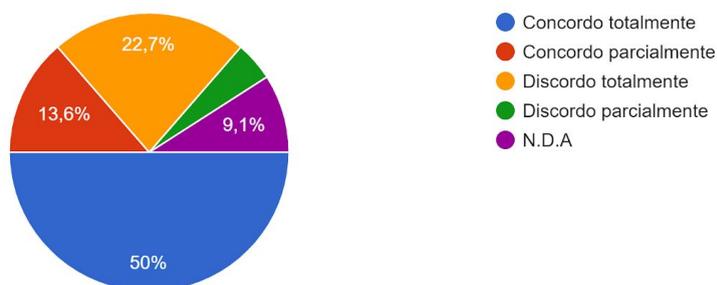
Sobre o acesso à cultura, 100% dos educadores concordou com a afirmativa de que “Cultura é um direito de todos” Quando questionados se “Dentro da mesma sociedade existem culturas superiores a outra” 72,7% (16) discordaram totalmente, 9,1% (2) educadores discordaram parcialmente, 13,6% (3) concordaram totalmente e 1 educador concordou parcialmente. O que esse dado exhibe é que a grande maioria de educadores do movimento defende que todas as culturas são igualmente importantes. Mas quando voltamos a questão em relação a cultura ser privilégio para poucos 7 educadores concordaram parcialmente com a afirmação, 1 concordou totalmente, 5 discordaram totalmente e 9 educadores discordaram parcialmente. Ou seja, se em uma questão a maioria responde que toda cultura é igualmente relevante, na outra há uma alteração no que o indivíduo entende como cultura.

Sobre a análise dos gráficos, é possível notar que uma ou duas pessoas sempre expõe opiniões que caminham em sentido oposto a da maioria, mas o curioso é que não são as mesmas pessoas que estão sempre contrariando. Por exemplo, dos dois educadores que concordaram totalmente com a frase de Olavo de Carvalho, apenas um deles faz parte do grupo dos três educadores que concorda totalmente com a ideia de uma cultura mais elevada na sociedade.

Em relação a gostos musicais foram usadas as seguintes frases "A bossa nova é culturalmente mais rica que o samba" (desconhecido) onde 90,9% dos educadores discordou totalmente, um educador concordou parcialmente e outro educador assinalou a opção “nenhuma das alternativas”. Esses dois educadores são dois dos três que afirmaram concordar com a ideia da cultura mais elevada na sociedade. "A ópera é uma prática cultural superior ao Hip Hop" (desconhecido) 90,9% dos educadores discordou totalmente, um educador discordou parcialmente e um educador concordou parcialmente. Esse educador que concordou parcialmente não é o mesmo que sempre discorda. A última frase atrelada a gostos musicais foi sobre o funk.

"Funk não é lixo, porque lixo é descartável" (Marcele)

22 respostas



Fonte: Própria

Essa foi uma das frases mais emblemáticas da pesquisa, porque mostra uma rejeição de 50% dos educadores a uma das manifestações musicais mais presentes nas comunidades e dos lugares em vulnerabilidade econômica na cidade do Rio de Janeiro. O baile de favela, as letras irreverentes e todo estigma que tem em cima desse gênero musical é ideal para pensarmos na realidade de adolescentes que moram em comunidades. O gosto pelo funk é muito presente entre os meninos e meninas dentro do DEGASE, e é evidente que não necessariamente os educadores devem gostar do gênero, mas expressar uma opinião em relação a esse assunto sem levar em conta as variáveis em torno dessa questão é sintomático. Em relação a ópera e o hip hop vemos um grupo que, em sua maioria, entende que as manifestações culturais, por mais que distintas têm a mesma importância. Mas quando esse mesmo grupo de pessoas olha para o funk, apenas 22,7% discordam totalmente da ideia de atrelar o gênero musical a lixo. Há uma enorme distinção entre não gostar de um gênero musical e negar o que aquele gênero representa.

Cultura não é apenas aquilo que é agradável para o indivíduo e a opinião pessoal de ninguém deve reduzir uma questão tão importante como essa. Vemos um grupo que se propõe a partir da vivência do adolescente para a construção de um pensamento, mas entende uma das manifestações culturais mais presentes na vida dele como lixo. Ou seja, temos manifestações como o hip hop e o samba, que possuem relação direta com a população negra, periférica e tem um histórico de rejeição social, mas que, ultimamente tem sido socialmente aceitas - principalmente porque caiu no gosto da branquitude - e entendo aquilo como uma prática cultural legítima, mas o funk que é rejeitado socialmente - quando produzido nas

comunidades, periferias e por pessoas pretas - eu concordo com a afirmação que o gênero é pior que lixo. Isso é reproduzir a ideia de que cultura é aquilo que um determinado grupo vai considerar aceitável. Rodney William, cientista social e babalorixá em “Apropriação Cultural” (2019) narra como os sambistas da Praça Onze tinham que resistir para darem continuidade a sua música, e como a Bossa Nova se apropriou de muitas especificidades do gênero musical mostrando como o samba era repleto de ruídos, pouca noção teórica e retratava uma realidade “feia” da cidade, por conter nas suas letras temas como a violência policial, o dia a dia nos cortiços, festas nos terreiros, entre outros temas. Por mais que William atrele algumas questões do samba ao racismo religioso, o autor faz um paralelo de como o ritmo era perseguido por conta da forte demarcação racial e por retratar uma realidade que não era da burguesia. Como isso incomodava, e a partir daí, o autor mostra a forma como a Bossa Nova ganhou mais espaços, consagrando nomes como Tom Jobim e Vinicius de Moraes, que retratavam Ipanema e áreas nobres da cidade e como sambistas como Cartola morreram pobres. Rodney William (2019) faz essa comparação entre o samba e o funk nos dias de hoje, mostrando que cultura é o que a elite dita que é aprazível aos olhos e ouvidos e a realidade da comunidade está longe disso. Por mais que haja uma discussão extremamente importante sobre o funk e a reprodução do sexismo, apologia ao tráfico e as armas, o ritmo não pode ser reduzido. O funk muitas vezes vai falar da realidade presentes nas comunidades e pensar nele apenas na esfera da problematização, é também reproduzir uma visão estereotipada do que é o gênero. É uma questão que precisa ser refletida, para que não haja um discurso que não é alinhado com a prática.

Em entrevista com Thalita Rodrigues, educadora e coordenadora do Emancipa no DEGASE, moradora do bairro de Paciência e formanda em Psicologia pela Universidade Rural, ela aborda um ponto interessante. Thalita disse

E aí em sala de aula, eu percebia que, por exemplo, algumas pessoas tinham medo de falar onde moravam. A gente recebe essa orientação, né? Mas eu percebi que muita gente tinha medo porque morava na zona sul, ou morava num lugar que era nitidamente mais privilegiado. (RODRIGUES, 2020)

É fundamental entender que usar os privilégios que possui para fazer a diferença social é suficiente. Não é necessário performar pobreza ou abraçar gostos e falar de uma realidade que não se vivencia. Qualquer pessoa, independente da posição que ocupe na sociedade, que demanda tempo e energia para promover a igualdade social, realiza um trabalho que é

legítimo. Simular algo para os adolescentes não dará certo. Primeiro porque eles conhecem muito em relação a território e em todos os momentos da aula eles fazem perguntas em relação a gostos porque querem conhecer de fato quem é o educador. bell hooks (1994, p.21) em “Ensinando a transgredir - a educação como prática da liberdade” afirma que “Professores que esperam que os alunos compartilhem narrativas confessionais mas que não estão, eles mesmos, abertos para compartilhar, estão usando seu poder de uma maneira que pode ser coercitiva.” Então, é necessário que o discurso empregado em sala de aula vire prática, ou no mínimo, ser sincero com os internos em relação a seus gostos e experiências de vida, mesmo que não vá de encontro com eles. Na fala da Thalita, é perceptível o desconforto de alguns educadores frente aos adolescentes em relação a seus privilégios, mas em uma pesquisa acadêmica, alguns deles trazem a tona seus gostos elitistas. Por que o filtro é equilibrado de modo diferente?

Também foi perguntado aos educadores quais atividades culturais eles costumam praticar. Essa pergunta foi dada sem alternativas para que as respostas fossem menos tendenciosas possíveis. As respostas foram ir ao teatro, cinema, ouvir música, ler algum livro, frequentar museus, shows, palestras, eventos religiosos, festas culturais, rodas de samba, viajar e tocar algum instrumento. Um educador disse que costuma ir a rodas de jongo. Em relação ao funk, o único educador que falou sobre a prática mencionou que nunca foi mas gostaria de conhecer um baile funk.

Foi questionado aos educadores se eles “Consideram que suas noções e práticas culturais estão atreladas a sua condição econômica?” 81,8% afirmou que sim, estão atreladas, 13,6% que talvez estejam atreladas e um educador disse que as suas noções e práticas culturais não estão atreladas a sua condição econômica. Contudo, o mesmo educador mencionou que entre suas práticas culturais estão a literatura, culinária, música e cinema. Segundo o IBGE (2019) o acesso ao cinema ainda é restrito para parte da população no país. No ano de 2018, 39,9% das pessoas moravam em cidades sem nenhuma sala de cinema. Leonardo Athias (2019) pesquisador do Instituto afirma que “Isso é uma barreira de acesso potencial. Outras barreiras também podem agir, como o preço das entradas ou mesmo a distância física e a inexistência de transporte público para o acesso”. Para além do audiovisual, em relação a leitura, um levantamento de dados realizado esse ano pela PNAD -Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- mostra que no Brasil, 11 milhões de pessoas

não sabem ler e escrever. Bourdieu (1983) revela que alguns hábitos são tratados como se fossem inerente ao indivíduo, onde ele não reflete em relação aos privilégios que tem. O que ele concebe como básico para se viver, é luxo para outras pessoas que não possuem o mesmo acesso. Em um tópico do formulário os educadores puderam destrinchar o que eles entendem por cultura, as concepções não divergiram muito.

Entendo cultura por práticas, valores e saberes proporcionados por uma determinada sociedade; Também compreendo que Cultura é utilizada na sociedade para fins de distinção, como produto e mercado; Ainda entendo e me somo a idéia de que a Cultura é construída e reivindicada como direito a fruição, elaboração criativa e acesso aos saberes artísticos, estéticos e críticos gerados pela humanidade, em sua diversidade de matrizes sociais, grupais e geracionais. (Educador Emancipa no DEGASE, 2020)

Alguns educadores definiram cultura em palavras como troca de conhecimento, liberdade, música, arte em geral e hábitos de uma comunidade e grupo. Outros falaram sobre como a cultura pode ser usada como ferramenta de status e controle.

O funk não é algo descartável, pois é uma manifestação cultural muito intensa, principalmente nas favelas, onde o baile funk é umas das únicas formas de lazer dos moradores. O que nos levar a pensar na acessibilidade cultural e o direito à cidade. Muitos espaços culturais não são ocupados pelas existências de barreiras, sejam elas socioeconômicas, físicas, territoriais ou de deslocamento. (Educador Emancipa no DEGASE, 2020)

A educadora autora da frase acima concordou parcialmente com a afirmação de que “funk não é lixo porque lixo é reciclável”. Na caixa de comentários do formulário afirmou que talvez possa ter interpretado algumas frases do questionário de maneira errada mas o que ela escreveu poderia mostrar melhor seu posicionamento. Outro educador revelou achar a pergunta difícil de definir

Essa questão é muito complexa. Todo povo (ou indivíduos, grupos) precisa sobreviver aos desafios impostos, como: se alimentar, cuidar dos filhos e dos velhos, dormir, habitar... As diferentes formas de resolver esse desafio são cultura. Com o processo civilizatório (viver em cidades) a dimensão da sobrevivência não é tão diretamente relacionada a natureza ou "instintivas" e, portanto, a cultura (ou as culturas) ganham sentido de manifestações artísticas, religiosas, as crenças etc de um povo não necessariamente conectadas à sobrevivência, mas ao conjunto de valores da sociedade. Resumi muito, mas acho que é isso. (Educador Emancipa no DEGASE, 2020)

Nessa caixa de comentários foi possível notar que alguns educadores tomaram a cultura em um sentido mais antropológico e outros definiram a cultura como manifestações

culturais fazendo referência a expressões artísticas. Um dos educadores levantou uma questão importante na caixa de comentários. Ele disse

Acho que as frases e definições sobre cultura, se levadas ao pé da letra, são mais fáceis de responder. Porém, se consideradas mais amplamente, são mais difíceis, aí não sei se era esse o objetivo. Quando se coloca a questão sobre a cultura ser isto ou aquilo, superior ou inferior, mais elevada ou menos elevada, se coloca a questão de um modo no qual se esconde outros debates, como por exemplo formas de cultura distintas, diferentes, populares, autênticas ou não, que servem para libertação ou para reprodução da ordem, emancipadoras ou não, sobre a independência da cultura dos formas de opressão etc. Não acho que toda cultura é igual e vale o mesmo, mas não deu muito para expressar isso no formulário. (Educador Emancipa no DEGASE, 2020)

O objetivo do questionário era ser mais complexo e mais subjetivo, porque se fosse perguntado a um grupo que faz parte de um movimento social majoritariamente de Esquerda, e lida diretamente com adolescentes em vulnerabilidade social, se “Funk é cultura?” ou se “Deve existir hierarquização da cultura popular e da cultura erudita?” As respostas seriam muito mais fáceis de serem pensadas. Contudo, concordo que para esse estudo poderia ser interessante abrir um debate em uma reunião de grupo, mas com minha experiência dentro do movimento, tenho certeza que alguns interlocutores ficariam passivos em relação a outros e as respostas cairiam em um senso comum. O que é promissor no comentário desse educador é que ele fala sobre “autenticidade” de uma cultura e se ela servirá para libertar o indivíduo ou manutenção da ordem. Esse mesmo educador concordou totalmente com a afirmação em relação a questão do funk ser lixo. Entre as respostas discursivas essa parece a mais próxima de tentar justificar a afirmação em relação ao gênero.

Na última seção do formulário “Sobre sua vivência enquanto educador do Emancipa no DEGASE” 100% dos educadores afirmaram que já estiveram em sala de aula no DEGASE. Dois educadores atuam desde 2017, três educadores afirmaram atuar desde 2018, nove atuam desde 2019 e oito estão no Emancipa no DEGASE desde o início deste ano, o que mostra que esse último grupo obteve pouca experiência em sala de aula. As três pessoas que aparecem sempre discordando na maioria das respostas estão entre os educadores que atuam de 2019 para 2020. Isso pode representar um fator importante tendo em vista que o movimento aceita pessoas de diferentes vivências e áreas do conhecimento. Adaptação é um processo.

Em resposta livre eles poderiam dizer porque escolheram trabalhar com a socioeducação. Essa questão é extremamente importante porque ela ajuda a compreender a motivação do educador e quanto de altruísmo há nela. Algumas respostas iam de encontro a interesses acadêmicos na área da socioeducação, onde através do Emancipa no DEGASE, o educador pode ter contato mais direto com a área de estudo.

Porque meu projeto de mestrado tem como comunidade linguística estudada os meninos internados no DEGASE. Então, para conhecer a realidade deles e apoiar a educação popular, decidi participar do Emancipa. (Educador Emancipa no DEGASE, 2020)

Outras falaram mais a respeito sobre experiências pessoais, reconhecimento de privilégios e desejo do indivíduo de construção de uma educação popular para esses meninos e meninas. Algumas pessoas possuíam contato com os adolescentes de outras formas e acabaram conhecendo o Emancipa no DEGASE nesses espaços.

Minha motivação está associada ao fato de ter um irmão adotivo e desde então me questionar sobre os privilégios de nascer no contexto que nasci em relação a ele. Sempre me perguntei quais teriam sido as possibilidades dele se não tivesse encontrado uma família e desde então dedico uma atenção especial à crianças e adolescentes em vulnerabilidade. (Educador Emancipa no DEGASE, 2020)

O ser humano está em constante mudança e após contato com os adolescentes é recorrente que as motivações se expandam e sejam canalizadas para outras questões. Contudo, é comum vermos em trabalhos voluntários essa busca intermitente pela auto satisfação. Patricia Kunrath Silva¹ e Ruben George Oliven (2020) em seu artigo intitulado “Filantropocapitalismo versus filantropia para a justiça social: um debate norte-americano sobre como lidar com a pobreza” trazem discussões que ajudam a pensar essa relação. O trabalho aborda o conceito de caridade e como essa palavra se relaciona com um sentimento religioso da realização do voluntariado para o bem próprio. Os autores relacionam a questão da filantropia a uma questão moral, onde as famílias norte americanas mais afortunadas dispõem uma parte da sua riqueza para projetos sociais mas muitas vezes fazem isso porque terão algum tipo de retorno, como a visibilidade por ajudar os menos favorecidos. Silva e Oliven (2020), questionam então o real sentido da filantropia, quando ela é usada para de fato tentar alcançar algum tipo de justiça social e como, muitas vezes, ela pode ser uma ferramenta alinhada ao sistema capitalista para enaltecer ricos e suas grandes fortunas. Em alguns grupos, fazer parte de uma causa social, estar inserido em coletivos e movimentos que debatam

questões políticas pode oferecer inserção e maior visibilidade ao indivíduo. É imprescindível que o integrante que ocupa esses espaços de discussão revise constantemente seus estímulos, se atentando e dando foco a questões que irão além do individual.

Os educadores também foram indagados se acreditam que a experiência com os adolescentes alterou a forma deles pensarem a nossa sociedade. 95,5% respondeu que sim, e um educador divergiu da maioria. Ele disse que assinalou “não” porque não teve muitos encontros com os adolescentes, então, segundo ele, seria muito precoce afirmar algo em relação a isso.

“O que acredita que tenha mudado em você a partir da experiência com os adolescentes?” Todos os educadores descreveram mudanças pessoais que tiveram. Muitos falaram sobre a questão dos privilégios e sobre a mudança de olhar em relação aos adolescentes.

Ampliei meu conhecimento sobre leis, me reconectei com favela pois apesar de morar em uma, sempre me afastaram da cultura existente aqui, vi o sistema que sempre falaram na teoria na minha frente e pude compreender melhor. (Educadora Emancipa no DEGASE, 2020)

O comentário acima é de uma educadora que mora em uma comunidade da zona norte e assinalou a renda salarial mais baixa do formulário. A citação abaixo é de um dos educadores que respondeu viver com uma das rendas salariais mais altas da equipe de educadores. Ambos falam sobre aprendizados que tiveram com os adolescentes, mas ao ponto que uma fala sobre reconexão e traz a questão do preconceito com a cultura da favela, o outro aborda a concepção de privilégios e a criticidade que adquiriu em relação aos discursos midiáticos sobre os adolescentes que estão no DEGASE

Os aprendizados que tenho com eles são enormes. Aprendi a ver o quanto de privilégios que eu tenho; aprendi sobre construção de vínculos; tenho aprendido a valorizar as pequenas conquistas e evoluções; aprendi a ter um olhar crítico a notícias e estigmas que as pessoas colocam nesse adolescentes e o quanto isso influencia na construção de suas identidades. (Educador Emancipa no DEGASE, 2020)

No formulário também foram feitas perguntas em relação a pontos fortes dentro do movimento e pontos que os educadores acreditam que ele possa ser melhorado. Algumas observações foram sobre a equipe e coordenação. Essas questões irão aparecer no terceiro capítulo, junto com a entrevista realizada com os coordenadores do Emancipa no DEGASE.

CAPÍTULO 3

ENTRE O IDEAL E O REAL

O capítulo final dessa pesquisa ganha esse nome como forma de provocação. “Entre o ideal e o real” tratará de abarcar como as coisas que são postas na teoria funcionam de maneira diferente na sua prática. Evidente que, toda proposta irá acontecer de maneira diferente quando aplicada. Principalmente quando lidamos com assuntos que envolvem pessoas, grupos diferentes, presença de movimentos sociais e interferência do Estado. O objetivo dessa comparação entre o que acontece e o que deveria acontecer, não é o de desmentir nenhum dos grupos, mas mostrar que toda história tem mais de um lado. Paulo Freire em seu livro “Educação como prática a liberdade” diz que “A teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade” (FREIRE, 1989, p. 67). É importante entender que uma é complementar da outra e extinguir a visão binária de que são oposições. A prática precisa estar aliada a teoria para que não haja reprodução de pensamentos hegemônicos. O educador precisa se manter informado e buscar conhecimento para evitar que em suas práticas haja a presença de pensamentos e falas opressoras e preconceituosas. A teoria precisa caminhar com a prática porque um movimento social está em constante transformação e andamento. Pensar que toda teoria conseguirá abarcar demandas que surjam é extremamente perigoso. Também não é correto acreditar que a mesma teoria servirá para todos os tipos de grupo da mesma forma. O pensamento teórico precisa ser revisitado porque ele pode legitimar atitudes que não são positivas.

3.2 - Entrevista com a coordenação e reflexão dos educadores

A escolha de entrevistar a coordenação não se deu de maneira premeditada. A princípio o objetivo não era o de entrevistar diretamente os coordenadores. Minha vontade era de falar com educadores do Emancipa no DEGASE em geral, para entender como eles veem o movimento, entender as narrativas pessoais deles, compreender a vivência de cada um e a inserção deles dentro do DEGASE. Mas, os três educadores que me vinham em mente eram membros da coordenação então eu uni perguntas na entrevista que falassem da pessoa enquanto coordenador do Emancipa e do indivíduo enquanto educador do movimento.

Resolvi falar com o Juliano, com a Thalita e com a Cristiane porque além deles serem os mais antigos dentro do movimento, foram eles que fizeram a minha recepção em 2019. São os educadores que eu tenho como base desde o início e considero importante fazer entrevista com pessoas que estão, não só tanto tempo no movimento, mas também mostram um comprometimento com ele. Pessoalmente, considero indispensável entender esses educadores enquanto membros da coordenação. Além de parte da equipe, a coordenação é quem se articula para deliberar ao resto dos educadores e são eles que possuem ponte direta com a equipe do DEGASE e por conta disso estão mais a par das demandas que surgem. Mesmo o Emancipa no DEGASE sendo um movimento social que discute as tomadas de decisões com o restante da equipe, muitos irão ler a coordenação de maneira hierarquizada, no topo, dentro do grupo. E hierarquia, na maioria das vezes, subentende poder.

Atualmente a coordenação do Emancipa no DEGASE é composta por cinco pessoas, mas não há um número estipulado. Essa eleição é feita internamente, entre os membros da coordenação, e depois a informação é passada para o coletivo. É muito comum a entrada e saída de educadores do movimento, então até a própria coordenação passa por esse processo. Desde que entrei, em abril de 2019, acredito que já vi os membros da coordenação mudarem mais de três vezes. No início do ano passado a Cristiane e o Juliano faziam parte do grupo de coordenadores, mas a Thalita ainda não fazia. As outras duas pessoas que integram o grupo entraram na formação que aconteceu no meio do ano de 2019 e foram convidadas a participar da coordenação na mesma época que a Thalita. As perguntas na entrevista não seguiram um padrão. Algumas foram usadas para nortear a conversa mas outras surgiram de reflexões realizadas durante o diálogo.

A primeira pessoa com quem falei foi a Thalita Rodrigues. Thalita é estudante do 10º período de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e entrou no movimento no início de 2019. Começou a integrar a coordenação no final do mesmo ano. Ela é moradora de Paciência, zona oeste do RJ, mas foi nascida e criada até os treze anos de idade no Complexo do Alemão. Conversamos sobre a violência presente nas comunidades do RJ e a importância dela compor o grupo de coordenadores do Emancipa no DEGASE. É essencial que dentro dos movimentos sociais hajam pessoas que tenham tido uma vivência próxima ao grupo que se propõe a auxiliar. Não digo que não há legitimidade em trabalhos realizados por pessoas de classes sociais privilegiadas, mas os espaços de tomada de decisão precisam cada

vez mais ser ocupado por essa maioria excluída. A educadora falou sobre suas memórias morando na comunidade da zona norte e das dificuldades que a família enfrentava onde moravam.

Até pouco tempo atrás eu não acessava essa parte da minha vida. Eu acessava assim, é o lugar onde eu nasci, tenho muitas lembranças afetivas com a minha casa... Mas eu comecei a pensar e fiquei “gente, eu já vivi muita coisa” Eu já deixei de ir pra escola porque estava tendo tiroteio. Eu morava no outro lado do bairro, morava em Bom Sucesso. Já vi caveirão entrar, já teve policial entrando lá em casa. Tipo, essas coisas eu não acessava. Eu fui começar a acessar um tempo atrás, uns dois três anos pra cá, comecei a pensar assim “gente, isso faz parte da minha história. Inclusive até ficou muito mais forte depois que entrei no DEGASE. Eu não posso esquecer isso (RODRIGUES, 2020)

Quando se mudou para Paciência as dificuldades caminharam em outra direção. Particularmente, me identifico com a Thalita em muitos pontos e fiquei feliz quando ela entrou na coordenação por tudo que mencionei aqui em relação a vivência e por ela sempre se mostrar muito coerente. Fora isso, também sou moradora da zona oeste e essa demarcação sempre foi muito forte. Quando entrei no movimento pensei que era a única moradora da z.o. Durante a pandemia descobri que a Thalita morava em Paciência e essas identificações contribuíram na aproximação. É interessante pensar nisso, porque dentro do DEGASE os adolescentes geralmente se aproximam com quem se identificam. Na verdade, a maioria das relações acontecem através de identificações. Conversamos sobre como é, geograficamente falando, complicado viver em algumas áreas da zona oeste por conta do difícil acesso a transporte e atividades mais centrais. A tarefa que era ir para o centro da cidade nos dias de reunião a noite e voltar antes do último horário do trem

Era pra saber antes que você morava na Zona Oeste, porque quando eu perco o trem eu tenho que andar da Alerj até o 397 ali na Presidente Vargas, depois descer em Campo Grande, atravessar a rodoviária e pegar o 898-Setetiba ou o 849-Base área para chegar em casa. O pessoal falava “avisa quando chegar” O pessoal saía da reunião 22:00 e antes de 23:00 já avisavam que tinham chegado. E eu dentro do trem vendo várias séries, lendo vários livros, com a bateria do celular acabando. (PEIXOTO, 2020)

Thalita questionou essa centralização, ela disse que quando aconteceu o evento da Rede Emancipa chamado “Periferia é o Centro” - roda de conversa para falar sobre a importância do protagonismo periférico - ela insistiu para que fosse na Vintém em Padre Miguel. Nos divertimos com o fato das pessoas sempre reagirem como se morássemos longe e combinamos que a próxima vez que alguém falar que mora em Ipanema a gente vai falar

“nossa, você mora muito longe”. Outra questão que abordamos foi sobre a importância da valorização dos saberes fora os acadêmicos.

Minha vó é nordestina e analfabeta e tem umas paradas que ela acredita que eu fico assim “vó, não tem cabimento” mas se você parar para prestar atenção faz sentido na lógica que ela conseguiu viver. Realmente faz sentido, não é um saber “sem noção” não é porque eu tenho uma coisa científica que significa que aquele outro saber não vale. Eu penso nessa coisa dos saberes. (RODRIGUES, 2020)

Muitas vezes a arrogância trazida pelo conhecimento científico pode ser prejudicial. É claro que tem fatos cientificamente irrefutáveis, mas quando pensamos nos múltiplos saberes, precisamos entender que as pessoas desenvolvem formas diferentes de realizar determinadas constatações e há uma lógica presente ali, passada de geração a geração

Quando a gente entra na Academia a gente cai nessa, eu já cai muito “ah não, você não entende o que está acontecendo” Eu acho muito louco quando a gente leva pra uma aula, como já aconteceu assim que eu entrei, e a pessoa começou uma discussão com o aluno sobre legalização das drogas. Não vai fazer sentido na cabeça dele. [...] Porque para eles não faz sentido, se você legaliza a droga, e aí? O que eles vão fazer na boca? Vai poder vender? Todo mundo vai poder vender? Como vai ficar? Porque o tráfico é poder também, eles acham que se forem traficantes terão poder. Enfim, acho que você tem que entender que é da vivência. A gente vê a vida de quem cresceu na zona sul, estudou em colégio particular e blábláblá, colônia de férias, Itaipava, sabe? Não é isso. Não tem como você pensar que o seu conhecimento vai ser melhor e isso acontece muito e isso me irrita muito. (RODRIGUES, 2020)

Conversamos sobre a situação que os adolescentes estão enfrentando por conta da pandemia e como esse isolamento social mexe com a gente enquanto educadora do Emancipa no DEGASE. Perceber que muita gente está surtando porque não pode ir a praia, ao shopping e realizar suas atividades normais, mas não param para pensar no contexto da privação de liberdade. Por fim, agradei a ela e disse que tinha ficado muito surpresa com sua experiência de vida. Ela disse que nunca tinha mencionado nada próximo a tudo que conversamos com nenhum outro educador do movimento. Juntas chegamos a conclusão de como essas vivências pessoais poderiam ser importante para a construção de redes afetivas dentro do Emancipa no DEGASE, entre os educadores. Uma das críticas que mais vi educadores fazendo em relação ao grupo foi o fato de não nos conhecermos entre nós. Nos encontramos uma segunda a cada quinze dias para debater conjuntura, conversar sobre os adolescentes, mas as particularidades de cada um são deixadas muitas vezes de lado e a maioria dos conflitos existentes dentro do grupo se dão por esses motivos.

No questionário realizado com a equipe, perguntei sobre quais pontos eles enxergavam que poderiam ser melhorados dentro do movimento, entre os educadores. E a maioria deles pontuou a questão do acolhimento e dos privilégios dentro da equipe. Um educador disse que é necessário “Reconhecimento dos privilégios de alguns educadores” Outros falaram que é necessário “Mais abertura as pessoas do grupo que estão inseridas.” “A comunicação entre os membros, Acolhimento de quem não é engajado em movimentos sociais.” não só sobre o acolhimento, um educador também disse nas palavras dele que é necessária a “Valorização daqueles e daquelas que se entregam de corpo e alma para o movimento.” As outras pessoas também falaram sobre essa questão do acolhimento e sobre a comunicação, que já era complicada só que nesse contexto de pandemia tudo se tornou mais complexo. Um educador disse que um ponto que necessita urgentemente ser revisado é

Hierarquia Verticalizada e muito norteado por política partidária. Acho isso péssimo. Para um movimento de Educação, acho que se valoriza muito pouco o ensino formal. Fala-se muito na importância da escola para os meninos mas não vejo educadores buscando ou valorizando ensino formal ou formação de grupos de pesquisa-prática pautado no conhecimento científico e na sua democratização. (Educador do Emancipa no DEGASE, 2020)

Em relação a esse comentário é fundamental pontuar que não é importante apenas o ensino formal, mas também que os educadores revisem suas falas e realizem desconstrução. Já presenciei momentos em que educadores homens foram machistas dentro de sala. Em reuniões de equipe já surgiram falas capacitistas e outros educadores, inclusive os membros da coordenação falaram que também tiveram que lidar com situações parecidas. Quando faço menção a esses ocorridos, de maneira alguma é para excluir essas pessoas. Não acredito na cultura do cancelamento, ao meu ver só devemos anular fascistas que não estão realmente abertos ao diálogo e usam do poder para legitimar atitudes opressoras. Mas é fundamental que a equipe, como um todo, entenda que estar inserida em um movimento social não te torna imune a reprodução de ideias hegemônicas. O grupo se propõe a ser heterogêneo e ninguém nasce sabendo tudo, é um processo. Mas as pessoas precisam estar mais dispostas ao debate. Penso que essa questão que foi tão levantada, poderia ser resolvida com capacitação de equipe que não fossem voltadas apenas a privação de liberdade, mas as diversas opressões da nossa sociedade que estão enraizadas e podem aparecer no discurso dos educadores.

A coordenação deveria ser escolhida pelos voluntários (...) A relação com o PSOL deveria estar mais explícita. Os voluntários demoram a entender esse elo e não sei se fariam parte do movimento se soubessem (...). Tbm acho que entram muitas pessoas

e saem muitas pessoas, tds os anos e não existe autocrítica ou investimento pra manter essas pessoas. Quem pensa diferente da coordenação não tem muito espaço de fala então, ou "caga" e segue fazendo seu trabalho ou se envolve, se irrita, não se sente bem, e sai. Muitos já foram assim. No ano seguinte, uma nova leva de voluntários entram... e segue o ciclo. (...) A relação da coordenação para com os voluntárias é bancária. A própria estrutura da reunião em que uma parte significativa é destinada ao "debate de conjuntura" em que não há debate, e sim, monopólio da fala da coordenação. Relação bancária. Eles falam, nós "concordamos". Quem discorda se sentem mal, mas não tem espaço de fala... e assim, segue o ciclo das saídas. Basicamente discordo da maneira como a coordenação lida com o movimento. Entra ano e sai ano as práticas se repetem. (Educador do Emancipa no DEGASE, 2020)

Em relação a esse comentário é importante salientar alguns pontos. O primeiro ponto é que essas palavras são de alguém que contribuiu por muito tempo dentro do movimento e que possui ressentimentos em relação ao modo que a coordenação do Emancipa no DEGASE leva a liderança. Como se trata de um educador antigo, pode-se afirmar que ele já viu diversas formações da coordenação. É importante trazer esse fato porque a palavra “coordenação” se torna um pouco abstrata tendo em vista que a maioria dos membros da coordenação mudaram várias vezes. A fala começa com uma crítica por conta da coordenação escolher seus novos membros. De certa forma, entendo que a coordenação escolhe quem ela percebe que está mais ativa dentro do grupo e que pode potencializar a tomada de decisões e delegação de funções. Os coordenadores também aceitam que os outros educadores tragam um nome, até mesmo o próprio. Contudo, realmente essa questão é problemática porque as pessoas geralmente não reivindicam o próprio nome ou de terceiros, sabendo que os coordenadores deixaram evidente um “ideal” de equipe.

Assim como em outros comentários em relação a partido político esse educador aborda essa aproximação com o PSOL e de certo modo, a fala dele deve ser levada em conta. O Juliano, coordenador do Emancipa no RJ, explicou essa proximidade na entrevista, como vimos no capítulo um desta pesquisa, mas seria importante que na primeira capacitação de equipe esse vínculo fosse abordado, mesmo que para transparecer que não há ligação nenhuma, segundo ele. Sobre o fluxo de entrada e saída de educadores, de fato há uma evasão muito grande, mas não só por possíveis entraves com a coordenação. Um movimento social demanda tempo, esforço e muitas vezes recursos e é comum que as pessoas não consigam encaixar as atividades nas suas agendas. Já presenciei saídas por divergências entre membros da coordenação com educadores e realmente a autocrítica de ambas as partes é fundamental. Essa cobrança vai ser muito maior em relação aos educadores que são coordenadores por

conta do lugar que eles estão ocupando. Também creio que seja importante ratificar a palavra membros, quando se referir a coordenação. Dentro da coordenação, assim como dentro de movimentos sociais, existirão pessoas com pensamentos diferentes, vivências, opiniões e atitudes distintas. Evidentemente, todos precisam estar alinhados para tomada de decisões, mas tratar da coordenação como uma coisa só é reducionista. Mas entendo que de certa forma há uma dificuldade em separar o membro da coordenação do educador. Muitas das questões que vi acontecer eram geralmente entre educador “x” que não “bate de frente” com educador “y” e esse educador “y” é membro da coordenação e isso acaba tornando a dinâmica complicada. Isso tudo acaba colaborando para que os educadores não se sintam confortáveis em falar suas opiniões e se calarem nas reuniões. O novo formato da coordenação tem se proposto a criar ideias para que a participação seja mais ativa.

Antônio Moreira (2002) em “Currículo, diferença cultural e diálogo” constrói um trabalho investigativo com o auxílio de pesquisadores da educação. O autor defende a importância do diálogo não só como instrumento de ensino como também de mediação entre pessoas e grupos distintos. Muito influenciado por escritores como Paulo Freire e Alan Tourine, que em seus trabalhos defendem a argumentação como prática fundamental entre indivíduos, Moreira explicita que a presença do diálogo faz com que sujeitos socioculturalmente diferentes consigam compreender que a diferença faz com que a troca seja extremamente significativa. É necessário que dentro de um movimento social as pessoas consigam construir mesmo apesar da diferença e que a narrativa de ninguém seja deslegitimada. Como pessoas ficam sabendo da narrativa uma das outras? Conversando, evidenciando limitações, aspirações e vivências. Contudo, é importante compreender que esse estabelecimento de diálogo pode ser complexo de se aplicar. Em relação a isso, Moreira (2002) faz referência a Nicholas Burbules (1993) e traz a seguinte citação do filósofo

Não é suficiente simplesmente criar as condições para um fórum no qual todas as partes presentes têm o direito de participar. Numa sociedade estruturada pelo poder, as diferenças não estão todas situadas no mesmo nível. Portanto, devemos colocar outras questões: Quem pode se sentir incapaz de falar sem retribuição explícita ou implícita? Quem pode querer falar, mas sente-se tão desestimulado, ou tão intimidado pelas circunstâncias que é na verdade "silenciado"? (...) A promulgação de muitas vozes e a representação das preocupações dos diferentes grupos estendem-se para além da simples tolerância ou da criação de um "fórum aberto" que pode ser menos aberto do que parece quando julgado da perspectiva das pessoas ou dos grupos marginalizados. (BURBULES *apud*, MOREIRA p. 15-38)

É preciso entender que diálogo não se constrói de forma imediata. É preciso paciência, compreensão de que não são todos que foram incentivados a vida toda a se posicionar e farão isso quando exigido. Dentro de um grupo que lida com questões sociais tão diversas deve existir compreensão com seus membros. Paulo Freire (1967, p. 96) em seu livro “Educação como prática a liberdade” diz que "A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa." Geralmente quando se referencia Paulo Freire as pessoas fazem alusões a métodos de ensino e salas de aula. Contudo, é necessário pensarmos no ensino afetivo nas nossas relações cotidianas. O Emancipa no DEGASE, seguindo as orientações pedagógicas de Freire, defende a educação como prática libertadora e se propõe a lidar com os adolescentes de maneira afetiva. No entanto, não é saudável aplicar essas práticas de amor só para com os meninos e meninas que estão no DEGASE. É fundamental vivenciar a empatia com quem luta ao lado. Compreender as limitações, os privilégios e as diferenças. Movimento social é compromisso. Não é algo que o indivíduo escolhe entrar e sair quando quiser por conta de caprichos. Também não é lugar para disputas narcisistas. Movimento social é lugar de construção coletiva e muitas vezes essa construção se dá através de divergências. Ninguém é dispensável. Todo educador que fez e faz parte do Emancipa no DEGASE deve ter suas potências valorizadas, suas limitações respeitadas e suas opiniões ouvidas.

A segunda entrevista que realizei foi com o Juliano. A conversa teve duração de uma hora e muitos dos assuntos que foram abordados foram mencionados aqui anteriormente. A conversa com ele foi importante porque o Juliano foi um dos precursores do movimento dentro do DEGASE e ele possui outras militâncias políticas, como o vínculo com o PSOL. Juliano é paulista formado em Educação Física pela Universidade UNISANTANA e em Filosofia pela São Judas Tadeu. Uma das perguntas que fiz a ele foi em relação a dificuldade inicial de levar o Emancipa até o DEGASE.

No início as dificuldades eram muito distintas das de hoje, porque no início a gente estava entrando numa esfera da educação popular e privação de liberdade que era completamente desconhecida por todo mundo que estava começando e inclusive para mim, então no início foi uma época de mais testes (...) porque tem que lidar com as contradições das pessoas, cada um tem uma forma de ver, algumas pessoas entram no movimento porque quer ter contato com pobre e quer se desaburguesar porque é branco outra pessoa entra no movimento por justamente contrário, pois vem de favela e quer ensinar os seus, quer ensinar seu camaradas a ler, assim são perspectivas muito distintas e o Emancipa tem uma vocação que é abarcar todo

mundo, então lidar com essas contradições é muito árduo no dia a dia da construção (...) mas acho que hoje uma das maiores dificuldades tem a ver com o momento que a gente vive tem a ver com a pandemia. (TEIXEIRA, 2020)

Em relação a estar dentro de sala de aula com os adolescentes, Juliano (2020) disse que é uma experiência que te faz desconstruir tudo que você entendia em relação a educação. Ele mencionou que já havia tido experiência com educação para adolescentes que estão prestes a enfrentar o vestibular, mas a experiência no DEGASE, na penitenciária em que dava aula, é totalmente diferente. Fiz algumas perguntas que fossem de encontro ao Juliano enquanto educador, não apenas como coordenador do Emancipa. O interessante dessa entrevista é que em um ano e meio, eu nunca tinha conversado mais de dez minutos com ele e quando falava era sempre para tratar sobre assuntos referentes às reuniões do movimento. Não sabia que o Juliano não era carioca, que ele jogava vôlei e que havia perdido Luisa Freire, uma pessoa que foi muito importante na vida pessoal e política do coordenador. É sincero admitir que depois da entrevista eu tive mais empatia pelo Juliano coordenador, por ter ouvido um pouco sobre sua história de vida. E isso corrobora ainda mais para a importância do olhar afetivo com pessoas que compõem o movimento, principalmente em tempos como esse. Também questionei a ele em relação a centralidade que existe dentro do movimento. Juliano responde que

... então essa hierarquia que o Emancipa pega de algumas formações de movimentos às vezes é recebida de uma maneira muito hostil por muita gente porque as pessoas vem de uma leitura que movimento social é lugar horizontal onde todo mundo decide sobre tudo, onde as pessoas tratam sobre tudo e a nossa tradição, ao meu ver, não é essa. A gente tem uma outra forma de se organizar, então esse é um desafio que faz as pessoas saírem e elas acham que o Emancipa não é democrático porque “ah coordenação soltou uma nota que não foi debatida e aprovada por todo mundo”, mas acontece que o nosso modelo de organização é assim que funciona e nós entendemos isso como democrático porque a gente acha que não seria democrático que o conjunto de professores novos formassem uma nota que não representa o acúmulo de treze anos do movimento do ponto de vista político, do ponto de vista de visão das coisas. Isso não seria democrático, isso seria uma falsa democracia. (TEIXEIRA, 2020)

A última entrevista foi com a Cristiane. A Cris é pedagoga em formação, mulher preta, periférica, mãe e representante do Emancipa no DEGASE no Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDCA). Foi ela que inicialmente me apresentou o Emancipa e o DEGASE e nesse tempo dentro do movimento foi com quem mais troquei ideias, aflições e pedidos de ajuda. Cristiane é muito conhecida também entre os adolescentes. Na maioria das vezes que estive em sala de aula ou com ela dentro do DEGASE era comum os adolescentes

chamarem ela pelo nome e conversarem sobre a vida deles. Segundo Cristiane Maria (2020), os adolescentes precisam de alguém que falem a linguagem deles. Não aceitando como eles vivem, ou normalizando, mas que tragam o discurso para mais próximo da vivência deles. Cris (2020) também confessou que por muitas vezes já percebeu mais semelhança entre a história dela e dos adolescentes no DEGASE do que com os próprios educadores do Emancipa. Cristiane é uma pessoa que está sempre contestando os saberes acadêmicos e tentando mostrar que Freire não é tão complexo como alguns educadores gostam de acreditar. Durante a entrevista ela fez referência ao seguinte texto de Carlos Rodrigues Brandão (1984) sobre os métodos de Paulo Freire

...às vezes é muito difícil falar sobre ideias que deram origem ao método Paulo Freire, porque elas são muito simples e algumas pessoas precisam complicá-las. Na verdade Paulo Freire não tem sequer uma teoria pedagógica definitiva. Ele tem um afeto e a sua prática. Por isso é fácil compreender o que ele tem falado e escrito, quando se parte da vivência da prática do compromisso que tem sido, mais do que sua teoria, a sua crença. (BRANDÃO, 1984, p. 102).

A educadora acredita que o mais importante antes de tudo é o educador entender a importância de se estar em sala de aula no lugar de aprendiz. Cristiane também falou sobre sua trajetória pessoal de vida, sobre ser uma mulher com tudo que a acompanha na sociedade de hoje. Ela lembrou da sua mãe e dos trabalhos análogos à escravidão em que era submetida. Em relação às diferenças sociais dos educadores Cristiane (2020) disse que

É uma diferença que fica muito notável quando a gente se divide mais em determinados grupos para atender determinadas demandas, isso deixa as demandas mais visíveis (...) Nas reuniões de equipe, sinto que dá pra perceber essas diferenças (...) agora, enquanto coordenadora, acho fundamental abrir o diálogo e participação de todos (...) eu sinto que alguns educadores têm algum receio de se expor, principalmente quando veem uma pessoa com PHD e conhecimento disso e daquilo. Isso pode acabar inibindo a fala de algum educador que não possua essa formação “tão avançada” (...) acredito que o movimento precisa ter esse papel, ainda que essa questão ainda seja meio que individual (OLIVEIRA, 2020)

Sobre sua desconstrução em sala de aula, após entrar no movimento, Cristiane Maria diz que tudo nela mudou. Tanto a educadora como ela enquanto pessoa. Ela disse que se sente mais aberta para coisas novas, mas que por vezes percebe ser um pouco mais dura com suas filhas porque entende o lugar de privilégio em relação aos adolescentes do DEGASE que elas possuem. Em relação às dificuldades enfrentadas em sala no DEGASE, Cris e a maioria dos educadores que participaram do formulário disseram que é difícil se adaptar a dinâmica inicial, entender que as coisas funcionam de um jeito diferente na prática. Sobre os pontos

fortes do movimento, a educadora disse que o Emancipa no DEGASE tem buscado ultimamente abrir as portas para o debate em grupo.

No questionário que realizei com os educadores, perguntei o que eles entendiam como pontos fortes do movimento. Grande parte dos educadores destacou a preocupação com os educandos. Um educador respondeu “A capacidade de todos os anos convocar educadores novos. Os contatos que garantam continuar lá dentro.” Muitos educadores parabenizaram o movimento em relação ao carinho, seriedade e engajamento com a missão.

3.3 - DEGASE EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

Atualmente, por conta da COVID-19 as visitas aos adolescentes foram suspensas. Para o cidadão que não está familiarizado com os direitos dos meninos e meninas que estão privados de liberdade, essa decisão pode parecer responsável e totalmente coerente. Contudo, se certos aspectos forem analisados mais detalhadamente, será possível perceber as arbitrariedades que o sistema enfrenta.

No dia 17 de março de 2020 o Departamento de ações socioeducativas emitiu uma nota suspendendo as visitas por conta da pandemia. Desde então os adolescentes estão sem receber visitas. No dia 5 de maio o jornal O Dia publicou que o DEGASE registrou quase 30 casos de covid-19 entre internos e funcionários” Ainda no mês de maio, no dia 22, o Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura do Rio de Janeiro (MEPCT/RJ) disponibilizou um relatório sobre a situação do DEGASE em relação ao coronavírus. O MEPCT/RJ é um órgão criado pela Lei Estadual nº 5.778 de 30 de junho de 2010, que basicamente tem a função de fiscalizar os espaços em privação de liberdade, de modo a assegurar os Direitos humanos e a integridade física e moral dos indivíduos. Segundo o relatório o DEGASE informou que dois internos da EJLA testaram positivo para a COVID-19 e foram liberados pelo poder judiciário para serem tratados em casa. Não há informações de quem sejam os adolescentes no relatório, mas em relação a essa medida pode-se perceber uma decisão que não visa diretamente pela saúde do interno mas tira do estado a responsabilidade de assegurar o bem estar dele. Se os adolescentes estão sem visitas desde o mês de março e no mês de maio dois adolescentes testaram positivo em uma unidade, contestamos que esse número de infectados não corresponde à realidade. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) a propagação do vírus é feita de diversas formas, entre elas propagação pelo ar, toque,

espirros, tosse entre outras. Se tratando de um ambiente de privação de liberdade que lida com a superlotação, onde não há espaço para distâncias seguras, temos a receita certa para o desastre. No dia 28 de maio o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), delimitou em 119% a taxa de ocupação nas unidades de internação nos Estados do Rio de Janeiro, da Bahia, do Ceará e de Pernambuco. Essa decisão evidencia dois pontos centrais. A normalização do absurdo, onde não há uma lógica para esses 19% a mais de adolescentes. Por mais que muitos tenham saído por conta dessa decisão, essa ainda não é a medida mais efetiva até porque o número de adolescentes apreendidos voltou a aumentar. Outra discussão que pode ser levantada é que essa delimitação mostra que há formas mais eficazes de garantir o direito desses meninos.

Falar de violação de direitos nesses lugares não se limita apenas a tempos como este. Em diversos capítulos do ECA, como no III e IV o direito à cultura, educação e lazer é mencionado. No capítulo II, que fala sobre as entidades de atendimento a essas crianças e adolescentes, encontramos em seu parágrafo XII o trecho que afirma a obrigação dessas instituições oferecerem atividades culturais, esportivas e de lazer para os adolescentes. Tal compromisso já era violado em condições pré pandêmicas. Os adolescentes também precisam ter acompanhamento pedagógico, mas no momento as atividades estão suspensas. Sobre isso, a coordenação do Departamento assegurou que estão tentando promover atividades a distância com os adolescentes. O Emancipa no DEGASE foi convidado para ajudar na promoção dessas atividades. Nesse tempo menos de seis aulas foram dadas. Um grupo de adolescentes vai até uma sala e na presença dos agentes eles têm aulas por videoconferência. Como dito anteriormente, essas aulas não cobrem nem a metade dos internos.

O Emancipa e alguns outros movimentos sociais escreveram cartas para os internos da EJLA, Dom Bosco e para as internas do PACGC. Para os meninos, por conta da quantidade de adolescentes, uma carta era dividida para um grupo. A intenção dos movimentos sociais que atuam lá dentro é a preocupação com os adolescentes, mas o órgão do estado usa essas medidas paliativas para afirmar que os direitos estão sendo assegurados, e de fato não estão. Nesse momento os internos continuam sem acesso a internet e a telefones para comunicação com a família. Além dessas violações ao ECA também irão aparecer violações contra os Direitos Humanos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, foi adotada pela ONU (Organização das Nações Unidas) no dia 10 de dezembro de 1948. Após um contexto de guerra, ela surge para assegurar direitos básicos para todos os indivíduos. Em seu artigo 5º a DUDH afirma que nenhum ser humano, sob hipótese alguma, deverá ser submetido a tortura. Segundo MEPCT/RJ, em relação às torturas decorrentes no DEGASE eles dizem que

Na segunda semana de abril a equipe do Mecanismo passou a receber diversas denúncias de familiares e de atores da sociedade civil acerca do uso de violência contra os adolescentes no CENSE Dom Bosco, inclusive com suspeita de morte na referida unidade. Cabe registrar que no ano passado o Mecanismo realizou 03 (três) visitas no centro em comento e todas as vezes após alguma situação de tensionamento, como: tentativa de rebelião, morte de adolescente, incêndio. Ressalta-se que todos os episódios foram marcados pela utilização de armas menos letais e por agressões por parte dos agentes de segurança socioeducativa da referida unidade ou por aqueles agentes que integram a Coordenação de Segurança e Inteligência (CSINT) ou Grupo de Apoio Rápido (GAR), conforme consta nos relatórios de visita do Mecanismo. (MEPCT/RJ, 2020)

Ainda sobre as declarações acerca de tortura ocorridas nas unidades do DEGASE o Mecanismo continua dizendo

Assim, apontamos que de forma geral, o tratamento dispensado aos adolescentes privados de liberdade no Rio de Janeiro viola o exercício da proteção integral e desconsidera o adolescente como pessoa em sua condição peculiar de desenvolvimento. A prevenção à tortura e outros tratamentos, penais, cruéis, desumanos e degradantes para esse público passa, necessariamente, pelo entendimento que a aplicação de medidas privativas ou restritivas de liberdades deve ser o último recurso, conforme preconizam todas as normativas voltadas à garantia dos direitos humanos, ainda mais durante a pandemia de COVID-19, no qual essa torna-se a medida preventiva mais eficaz. (MEPCT/RJ, 2020)

É extremamente perturbador pensar que esses dados são públicos, não só através de relatórios, mas em matérias jornalísticas e nada efetivamente é feito pelos governantes. A falta de reconhecimento desses indivíduos como cidadãos de direitos é o retrato de uma sociedade que de fato não se importa com um projeto igualitário.

Durante a Pandemia a Rede Emancipa criou a “Universidade Emancipa” um curso sobre pandemia e periferia com encontros online pelo Youtube. Na aula 4 o tema foi “A privação da liberdade no contexto de pandemia” Nela estavam presentes pessoas envolvidas com a socioeducação e o sistema prisional brasileiro. O Juliano Teixeira esteve presente e falou a respeito da situação no DEGASE

O sistema socioeducativo é um lugar onde os governantes não se importam. Onde é conhecido como terreno baldio das políticas públicas, no sentido de se a educação pública muitas vezes é precarizada, a socioeducação é muito mais precarizada. Os espaços de privação de liberdade são muito maiores do que deveriam ser, então nós

deveríamos ter uma política pública que valorizasse a reeducação, a educação, a socioeducação em meio aberto mas não é assim que acontece. (TEIXEIRA, 2020)

Sobre o olhar da sociedade em relação a esses indivíduos durante a pandemia, o coordenador da Rede Emancipa disse

É importante dizer que a privação de liberdade, a cadeia, sempre foi a masmorra social da sociedade, sempre foi o lugar de esquecimento e se agora nós falamos na pandemia que as pessoas precisam ser mais humanas, elas estão em solidariedade, isso é só na “pista”, isso é só na rua, isso é só para quem está livre. Porque nessa época de pandemia, parece que nós esquecemos ainda mais das pessoas que estão presas. Isso é um alerta, um puxão de orelha, um sinal de que a gente também precisa rever nossa humanidade, a nossa forma de ser humano, porque a estrutura do sistema que a gente vive faz com que a gente se isole e com que a gente considere essas pessoas como esquecidas. (TEIXEIRA, 2020)

Darcy Ribeiro disse “Em consequência, a crise educacional do Brasil, da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos” (RIBEIRO, 1979, p. 23). A crise na socioeducação também é projeto. Essas negligências não ocorrem acidentalmente ou por acaso. Não é sobre um grupo que está tentando acertar mas está ainda aprendendo como fazer. É sobre um sistema que se pauta nas desigualdades e na exclusão de grupos sociais específicos para se autogerir. Além do Juliano, o aluno da Rede Emancipa, Rafael Almeida, deu um depoimento durante a aula. Atualmente educadores do Emancipa no DEGASE acompanham o Rafael.

Olá, meu nome é Rafael, tenho 19 anos e sou aluno do Emancipa no RJ, também sou estudante e palestrante. [...] Fui para o sistema socioeducativo porque cometi atos infracionais quando era mais jovem. Sou cria da Praça da Bandeira. [...] Estar internado e estar preso é parecido em muitos aspectos. Estar longe da família, raspar a cabeça, andar algemado. O que eu venho falar dessas pessoas que estão privadas de liberdade é que elas no momento desse vírus estão sem receber suas visitas. Não estão tendo nenhum tipo de contato com as suas famílias e isso está sendo muito dolorido para eles. Faz faltar receber um abraço, um carinho de sua família na visita. Comer um biscoito, beber um refrigerante e receber os seus produtos de higiene. O governo não se preocupa com essas pessoas. (ALMEIDA, 2020)

O Rafael ficou muito feliz em fazer essa fala e ele tem sido muito convidado para falar sobre a socioeducação. Duas educadoras do Emancipa no DEGASE ajudaram ele na construção do texto para essa aula. Ele se mostra muito interessado em aprender. Infelizmente, por mais potentes que aqueles adolescentes sejam, cheios de ideias, inteligentes, criativos e com uma experiência de vida que muitos adultos não tem. Realidades como a do Rafael ainda são minorias. É necessário mais para que esses adolescentes ocupem esses espaços. É fundamental um acompanhamento de Políticas públicas que dialoguem com a situação socioeconômica desses meninos e meninas. O Estado precisa chegar onde esses

adolescentes vivem antes deles irem para uma unidade de internação e sofrerem traumas. Se chega para matar, por que não chega para garantir direitos?

...Vamos investir em educação para as crianças, para os jovens de comunidade. (...) Quando eu participei do Emancipa no Degase e sai eu tive o prazer de conhecer dois professores do projeto Emancipa que acreditaram na minha pessoa. Eles compartilharam bastante ideias. (...) Aí, na hora que eu falei pra eles até no dia que eu saí no DEGASE, que tive minha formatura do Emancipa que eu fiquei muito feliz com a formatura do Emancipa no DEGASE. Logo quando terminou a festa do projeto eu tive a minha liberdade, graças a Deus. Mais pra frente eu encontrei com esses professores que eram do Emancipa no DEGASE e conversamos para eu começar a dar essas palestras. (...) Dei uma palestra na Cândido mendes e foi aí que eu ganhei uma bolsa de 100% em direito (...) É preciso acreditar nos seus sonhos. (...) Você merece estar lá no topo e onde você quiser. Você pode estar. (...) A educação é para todos e se a educação é para todos a gente tem esse direito sim de chegar no topo. Chegar aonde a gente sonha. (ALMEIDA, 2020)

Com ou sem bolsa, falando ou não em palestras, o Rafael e todos os adolescentes que foram acompanhados pelo Emancipa no DEGASE, e até aqueles que construíram suas próprias narrativas, representam uma conquista. Cada adolescente que obtém a verdadeira emancipação, funciona como uma espécie de ferrugem para essa engrenagem que vivemos. Essa máquina que prefere acreditar, por comodismo ou finge acreditar, para manutenção do poder, que naquele jovem há apenas um rótulo, uma única identidade.

A lista de nomes

Segunda - Feira, 2019 - segunda vez no DEGASE.

Na minha segunda ida ao DEGASE me sentia mais corajosa. Tinha elaborado um plano de aula e o pessoal da equipe concordou. Uma educadora que também estava na nossa equipe, foi nessa aula. Me sentia mais confiante porque sabia, teoricamente, o que precisava ser feito e se sentir preparada para falar sobre um assunto faz muita diferença. Pensei na aula sobre amizade, porque era um tema que eles conheciam e nós poderíamos fazer várias ligações como por exemplo falar sobre saudade, sobre quem são os verdadeiros amigos e o que é ser amigo de alguém. O plano também era fazer com que eles escrevessem.

Os meninos entraram em sala e eu congelei novamente. Os educadores olharam para mim e eu pedi a um deles que desse início porque eu não sabia como começar. Bem, ele trouxe a ideia e eles estavam ouvindo. Eu fiquei em pé e coloquei umas músicas sobre amizade que eu tinha trazido no meu notebook. A primeira coisa que eles perguntaram quando viram

- *Tem internet, professora?*

A gente pediu para que falassem qualidades que para eles um bom amigo tinha que ter. Em pouco tempo tínhamos um quadro com um monte de palavras e gírias que desconhecíamos.

- *Um bom amigo tem que ser onze, professora.* Disse um deles.
- *Onze?* Nesse momento eu estava realmente curiosa.
- *Sim, 11x11.* Ele levantou, pegou a caneta e escreveu isso no quadro.

Eles explicaram que 11x11 é aquele amigo que está junto com você sempre, na alegria e nos momentos ruins. Com as palavras que eles colocaram no quadro eles teriam que escrever uma carta para um amigo que fosse o 11x11 deles. Já haviam me falado em reuniões que os meninos têm resistência a escrita, mas nessa aula faltou tempo para eles elaborarem as cartas. Os adolescentes apresentavam algumas dificuldades, mas tinham a vontade de escrever. Passei de mesa em mesa e ajudei ditando algumas palavras. Fui na mesa do Alexandre, um menino de 16 que parecia ter 14.

- *Tudo certinho aí?* Perguntei.
- *Tranquilo. Tô pensando ainda. Qualquer coisa falo contigo.* Sorri e dei o espaço dele.

Fui na mesa do Renan, o mais animado da sala

- *Tá conseguindo Renan?*
- *Suave, professora. Vou escrever um rap!*

Fui na mesa do Matheus. Ele estava escrevendo uma carta para o amigo dele, Miguel. Perguntei porque a carta era para esse amigo, ele disse que o Miguel estava ajudando a mãe dele com dinheiro para visitas. Que era o único amigo que ele estava podendo contar naquele momento. Matheus estava a oito meses no DEGASE. Depois de passar pelo Matheus fui falar com o Edson. Percebi que na folha dele só tinha uma lista de nome de pessoas, não tinha mais nada escrito.

- *É o nome da minha família. Minha mãe e dos meus irmãos. Meus amigos de verdade. Para mim isso é amizade.*

Eu perguntei se ele não via a família dele há tempos, ele disse que o irmão mais velho dele está em Bangu (presídio). O pai está pelo mundo, e por isso nem entrou na lista, as irmãs são mais novas e um irmão morreu.

- *E sua mãe?* Perguntei porque era o nome na lista que estava envolvido por vários corações.

Ele disse que a mãe morreu em 2017 quando ele tinha 15 anos e ele começou a roubar para ajudar na casa. “Rodou” em Duque de Caxias mas era de São Gonçalo. Fiquei mal por ter tocado em um assunto tão delicado para ele e tentei mudar o assunto. Achei que falar daquilo não seria bom.

- *Você tem muitos irmãos mais novos!* Olhei a lista e vi que tinha uns cinco nomes fora o dos mais velhos.

- *Verdade professora. E a senhora? Tem irmãos?* O fato dele me chamar de senhora, com a diferença de quatro anos, eu com 21 e ele 17 não me assustou tanto quanto a pergunta que eu imaginava que ele faria depois da resposta.

- *Tenho dois, uma irmã e um irmão, mas meu irmão também faleceu em 2017.* Estava torcendo para que ele não perguntasse mais nada porque já estava mexida com a história dele e falar da morte do meu irmão me deixava mal.

- *Do que ele morreu?* Não tinha para onde correr.

Falei sobre quando ele foi confundido com policial e levado 9 tiros em 2014, que ele conseguiu sobreviver mas ficou com sequelas físicas e emocionais e acabou morrendo em 2017 por conta de uma tuberculose que voltou mais agressiva e como o quadro clínico dele não era bom, ele tinha partido. Enquanto eu peneirava ao máximo a minha história para não me emocionar na frente dele, percebi que ele estava chorando.

- *Minha mãe também morreu de tuberculose. Todo dia sinto saudades dela!*

Ele chorou no canto da sala, baixinho enquanto os meninos faziam a atividade. Dei um abraço nele e o abismo entre nós parecia inexistir. Depois daqueles encontros não vi mais o Edson. Ele não entrou em contato com a gente. Espero que ele esteja bem e lembre daquele encontro sincero que tivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

PARA REFLETIR...E AGIR!

Achille Mbembe, cientista político camarones, em *Necropolítica*, um de seus ensaios mais conhecidos fala sobre o “deixar morrer”, a política de morte que o Estado aplica para controle e manutenção do poder. Poder de dizer quem vai viver e quem pode morrer. Segundo o autor (2011), essa demarcação da morte é pautada em grupos sociais específicos. Uma política de extermínio a pessoas pretas e pobres. De acordo com a mídia nacional e internacional, o Brasil é o novo epicentro da Pandemia do novo coronavírus. E não é por acaso que isso acontece, ao passo de que o Presidente Jair Messias Bolsonaro faz declarações como “E daí?” em relação ao número de pessoas mortas no país. “Eu não sou coveiro, tá?” com o número de 2.575 mortes até então. O que pensar de um país onde sua maior figura de representatividade não se preocupa nem com a população mais vulnerável? O que está reservado para a juventude brasileira marginalizada? É fundamental que a sociedade cobre dos governantes que a lei seja cumprida e passe a olhar questões como medida socioeducativas e privação de liberdade com mais atenção. A luta a favor dos direitos humanos tem que se tornar cada vez mais ampla, amparando todos os indivíduos. É necessário voltar o olhar para aqueles que irão sofrer diretamente com a intervenção de uma estrutura racista e opressora.

Nesta monografia foram apresentadas violações de direitos e algumas falhas dentro do sistema socioeducativo. Gostaria de salientar que o DEGASE ou qualquer outro ambiente em privação de liberdade não estão nem perto do ideal para alguém se estar. É necessário que nós, enquanto membros da sociedade, façamos cobranças e fiscalizações em cima desses departamentos. Contudo, se o DEGASE não é o ideal, o sistema prisional será muito pior. Acredito que nas páginas deste trabalho a intenção de assegurar o direito desses meninos e meninas ficou nítida, entretanto, gostaria de dedicar estas linhas finais para dizer que redução da maioria penal não é a solução. É correr para trás na luta pelos direitos desses jovens. É uma lógica fascista que precisa ser combatida. O que é urgente ser reivindicado é a integridade física, moral e psicológica desses adolescentes e até mesmo dos outros sujeitos que irão compor aquele local.

Outra questão que ficou nítida nessa pesquisa é sobre a diversidade sociocultural dos educadores do Emancipa no DEGASE em relação aos adolescentes e até entre eles. Um grupo heterogêneo que possui muitas limitações. Contudo, o acerto geralmente se dá na tentativa e nem sempre essa tentativa obterá êxito de primeira. O importante é prosseguir. bell hooks (1994. p. 22) em *Ensinando a transgredir* diz que “Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos”. É de caráter emergencial que todo educador se debruce nesse pensamento. Quando digo educador, não me refiro apenas aos do Emancipa, do DEGASE ou os que lidam com crianças e adolescentes. Me refiro aos professores das universidades, principalmente das públicas, que se propõe a democratizar o acesso a todos os grupos sociais, que realmente façam isso. Os cânones acadêmicos são fundamentais mas é muito importante buscar novas referências e leituras de sociedade. Atualmente, o mundo todo está passando por um processo de readaptação e essa experiência está atingindo a todos de maneira específica e individual. É fundamental que a sociedade se erga de novas formas, sem deixar ninguém para trás. Entendendo que toda função, indivíduo e grupo precisam ser valorizados.

Ainda em “*Ensinando a transgredir*” hooks fala da forte influência que Martin Luther King também teve sobre sua vida. A autora relembra o discurso que ele faz em cima do versículo dois do capítulo doze de Romanos “Não vos conformeis com este Mundo, mas transformai-vos pela renovação de vossa mente” hooks termina o capítulo com um apelo

Todos nós na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais - e a sociedade - de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade. (HOOKS, 1994. pg 50)

Como considerações finais, também gostaria de novamente de falar sobre a importância do campo de estudo da Produção Cultural dialogar com assuntos dessa temática. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1974) traz a célebre questão

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? (FREIRE, 1974)

Nossa graduação dialoga diretamente com questões sociais e é fundamental que a gente comece a se atentar a essa parcela oprimida da sociedade. Discutir a cultura que é

marginalizada e os grupos que são inferiorizados em detrimento de outros. No questionário com a equipe indaguei se eles tinham conhecimento sobre o Curso de Produção Cultural 54,5% responderam "Tenho até amigos que são , mas não" 36,4% disseram que não e 9,1%, que equivale a duas pessoas da entrevista, responderam "Sim, conheço as abordagens da graduação" é extremamente fundamental que nós enquanto produtores culturais recém formados realizemos essa autocrítica também. Somos pensadores do campo cultural, um campo que por muitas vezes é dado como entendido por todos, de fácil compreensão, mas é nesse lugar que irão acontecer grandes disputas de poder, discurso e reproduções de pensamentos hegemônicos. Onde a Produção Cultural tem chegado? Quais lugares estamos nos propondo a ocupar?

É importante entender que projetos como o Emancipa no DEGASE, estão ali lidando com demandas que refletem a carência de um Estado que não investe em políticas públicas efetivas e contínuas. Projetos como esse terão então sua atuação limitada até um certo ponto, porque é necessário recursos que iniciativas como essa não vão conseguir abarcar.

Em razão da pandemia do novo coronavírus muitos pontos no plano de escrita desta monografia foram alterados. Futuramente será possível realizar um diálogo maior com a equipe de educadores sobre o assunto. Perguntei no questionário "Se houvesse uma capacitação do Emancipa no DEGASE sobre "O que é cultura?" você acharia importante?" e vinte e um educadores responderam que sim e um respondeu que talvez. Acredito que esse diálogo seja não só importante enquanto pesquisadora, observando essas noções e práticas culturais entre os educadores, mas também enquanto militante que se propõe a educar e aprender junto com quem faz o movimento social.

Em grande parte essa pesquisa me fez me sentir mais dentro do Emancipa no DEGASE, me entendendo enquanto parte do grupo. Essa imersão provocou emoções diferentes, revisão de pensamentos e lembranças nostálgicas de momentos com a equipe e principalmente com os adolescentes. Acredito que seria incrível entender os demais grupos presentes naquele espaço, não só os movimentos sociais mas os institucionais também para não ter apenas a visão superficial dos relatórios e de biografias preestabelecidas.

A última reflexão que gostaria de deixar aqui é referente ao momento que estamos vivendo. A nossa situação não é nem de longe semelhante a privação de liberdade que aqueles adolescentes enfrentam. Eu peço, para que você que está lendo isso, independente do ano,

reveja seus privilégios. Tente transformar algo, mesmo que pareça um trabalho de formiguinha. Eu sei que a gente precisa “bater” diretamente na raiz do problema, carecemos de um plano político a longo prazo, mas é fundamental devolver para a sociedade tudo que a Universidade Pública nos propiciou. Entendo que é exaustivo e nem sempre estamos dispostos a nos doar. Estamos enfrentando tempos sombrios, mas por favor, não desista da humanidade por mais desumana que ela pareça. Diminua abismo e rompa barreiras mentais de estereótipos que a sociedade cria e você não contesta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Grupo Companhia das Letras, 2019.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: Questões de sociologia. Lisboa: Fim de Século, p.151-162, 2003.

BOURDIEU, Pierre - **Gosto de classe e estilo de vida** - Extraído de: ORTIZ, Renato (org.). 1983. Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p.82-121

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. 17 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp. 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 40 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21ª Edição São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo (1967) **Educação como Prática da Liberdade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 12 ed ; 198 ed 1989.

FREIRE, Paulo (1974) **Pedagogia do Oprimido** Editora Paz & Terra.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva: 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. – Petrópolis, RJ: 15ª ed. Vozes, 2003.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

Lei Federal 8.069/1990 - PRÁTICA DE ATO INFRACIONAL - MENOR DE IDADE

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, diferença cultural e diálogo**. Educ. Soc. , Campinas, v. 23, n. 79, pág. 15-38, agosto de 2002. Último acesso em 11 de agosto de 2020 às 18:00

OLIVEIRA, C. M. Cristiane Maria Oliveira. **Depoimento** [jun, 2020]. Entrevistadora: Ana Clara de Oliveira Peixoto, Rio de Janeiro: 1 arquivo .mp3 (1h 40min). Entrevista concedida para a vigente pesquisa.

PELOSO, Ranulfo. **Princípios do trabalho popular** -Como trabalhar com o povo - editada pelo Centro de Capacitação da Juventude, Vila Alpina, Zona Leste de São Paulo, SP, 1983.

Perfil dos adolescentes e jovens em conflito – 2018

SHAULL, R. **Um educador presbiteriano** - Do prólogo de Shaul à edição americana de A pedagogia do oprimido, de Paulo Freire.

SILVA, Patricia Kunrath; OLIVEN, Ruben George. **Filantropocapitalismo versus filantropia para a justiça social: um debate norte-americano sobre como lidar com a pobreza**. Mana, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, e261204, 2020.

TEIXEIRA, J. N. Juliano Niklevicz Teixeira. **Depoimento** [jun, 2020]. Entrevistadora: Ana Clara de Oliveira Peixoto, Rio de Janeiro: 1 arquivo .mp3 (1 hora) Entrevista concedida para a vigente pesquisa.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural - Feminismos Plurais**. São Paulo: Pólen Livros, 1ª Edição, 2019

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 615 p.

Zanella, M. N. (2011). **Bases teóricas da socioeducação: análise das práticas de intervenção e metodologias de atendimento do adolescente em situação de conflito com a lei**. Dissertação de Mestrado Não-Publicada. Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo.

ZIMBARDO, P. **O efeito Lúcifer: como pessoas boas tornam-se más**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

WEBSITES

'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml> Último acesso em: 23 de julho de 2020 às 13:42

A **ESCOLA** <http://novodegase.rj.gov.br/esgse/index.php/menu-quix-sobre-a-esgse> Último acesso em 07 de julho de 2020 às 20:00

Brasil: o novo epicentro da pandemia de coronavírus?
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52732620> Último acesso em: 23 de julho de 2020 às 13:42

Brasil ainda tem 11 milhões de pessoas que não sabem ler e escrever <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-pessoas-que-nao-sabem-ler-e-escrever> Último acesso em 08 de agosto de 2020 às 21:13

Como o coronavírus é transmitido? <https://portal.fiocruz.br/pergunta/como-o-coronavirus-e-transmitido> Último acesso em: 23 de julho de 2020 às 17:07

CRIANÇA E ADOLESCENTE <http://www.mppr.mp.br/> Último acesso em: 07 de julho de 2020 às 19:57

Maior facção criminosa do RJ domina quase 60% das favelas do estado, segundo dados da polícia-<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/07/maior-facao-criminosa-do-rj-domina-quase-60percent-das-favelas-do-estado-segundo-dados-da-policia.ghtml>

Ministro impõe medidas contra superlotação em mais quatro unidades de internação de adolescentes-<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=412292> Último acesso em 09 de agosto de 2020 às 21:00

País tem quase 40% da população em municípios sem salas de cinema <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/-pais-tem-quase-40-da-populacao-em-municipios-sem-salas-de-cinema> Último acesso em 08 de agosto de 2020 às 21:13

Pandemia e Periferias - Aula 4: A privação da liberdade no contexto de pandemia <https://www.youtube.com/watch?v=vHa5xhV9T4U> Último acesso em 23 de julho de 2020 às 14:27

POR QUE NÃO SE DEVE UTILIZAR O TERMO MENOR <http://www.crianca.mppr.mp.br/> Último acesso em: 14 de julho de 2020 às 15:58

QUEM SOMOS: <http://www.degase.rj.gov.br/instituicao/quem-somos>. Último acesso em: 06 de julho de 2020 às 18:31

QUEM SOMOS: <https://redeemancipa.org.br/institucional/quem-somos/> Acesso em 06 de julho de 2020 às 14:08

Superlotação no DEGASE preocupa a Ilha https://ilhanoticias.com.br/noticia/Superlotacao_no_Degase_preocupa_a_Ilha Acesso em: 13 de julho de 2020 às 14:02